

ANDRÉA CARLA DE SOUZA ATILANO

A SUBJETIVIDADE CONSTITUÍDA
A PARTIR DA DESIGUALDADE SOCIAL -
OS SIGNIFICADOS E OS SENTIDOS PRODUZIDOS
POR UM TRABALHADOR.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO
2008

ANDRÉA CARLA DE SOUZA ATILANO

A SUBJETIVIDADE CONSTITUÍDA
A PARTIR DA DESIGUALDADE SOCIAL -
OS SIGNIFICADOS E OS SENTIDOS PRODUZIDOS
POR UM TRABALHADOR.

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Dr. Sergio Ozella.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO
2008

*Os meus mais sinceros agradecimentos à
minha família que sempre me apoiou na
minha escolha profissional, incentivando,
cada um ao seu modo, a permanente busca
por aquilo que acreditava.*

*Agradeço ao meu supervisor que muito me
ensinou e que soube respeitar o meu
processo, sempre acreditando no meu
trabalho.*

*E, por fim, agradeço ainda a todos aqueles
que direta ou indiretamente estiveram
ligados a concretização deste trabalho, afinal
esta só foi possível através das relações por
nós estabelecidas.*

Área de conhecimento: Psicologia Social (7.07.05.00-3)

Andréa Carla de Souza Atilano: A subjetividade constituída a partir da desigualdade social – os significados e os sentidos produzidos por um trabalhador, 2008¹

Orientador: Prof. Dr. Sergio Ozella

Palavras-Chave: trabalhador, subjetividade, desigualdade social e Psicologia Sócio-Histórica.

RESUMO

Através da relação do homem com o seu meio social, sentidos e significados são produzidos e passam a fazer parte da sua dimensão subjetiva. A população brasileira é marcada por uma enorme desigualdade social que exclui grande parte de seus indivíduos da sociedade, com qualidade de vida precária e desumana. O não acesso aos direitos sociais e as relações que são vivenciadas por estes indivíduos constitui uma subjetividade repleta de sentimentos, desejos, valores e sofrimentos que podem ser apreendidos através do discurso destes indivíduos. A presente pesquisa teve como objetivo estudar a constituição da subjetividade a partir da desigualdade social de um trabalhador de baixa renda, cujo emprego é de baixo prestígio social. O material do estudo foi obtido através de um encontro com um trabalhador, onde foi realizada entrevista semi-estruturada. Foi realizada uma análise construtiva/interpretativa do material, de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. Através da análise foi possível uma apreensão das contradições do sujeito, as quais são entendidas como condição para a constituição da sua subjetividade, assim como para apreensão dos sentidos produzidos pelo sujeito. A partir do discurso do sujeito foi possível perceber que tais contradições se apresentam em seu cotidiano e, desta forma, o significado atribuído ao trabalho é o que impulsiona o sujeito para a ação, uma vez que nele se encontram as possibilidades de superação das adversidades sociais, ainda que precise se submeter a uma atividade que gera diversos sentimentos, significados pelo sujeito como desrespeito e preconceito.

¹ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, protocolo nº140/2007.

SUMÁRIO

I – Introdução	1
II – Capítulo 1 – Desigualdade Social e a Dialética Exclusão/Inclusão	4
III – Capítulo 2 – Subjetividade	11
IV – Capítulo 3 – Pressupostos Teórico/Metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica	24
V – Capítulo 4 - Dimensão Subjetiva: aspectos sociais e pessoais mediados pela afetividade	41
VI – Considerações Finais	63
VII – Referências Bibliográficas	65
VIII – Anexos	67
I) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
II) Entrevista	

INTRODUÇÃO

O conceito de exclusão social pode ser compreendido como um processo dialético que inclui dimensões objetivas e subjetivas, sendo desta forma, um processo que está diretamente ligado às formas de organização social e política de uma sociedade. Este conceito também está relacionado às formas e aos processos de constituição subjetiva do homem possibilitando, assim, uma reflexão acerca das relações que são estabelecidas entre o sujeito e a sociedade. Desta forma, a compreensão do conceito de exclusão social, ou seja, do modo de organização da sociedade atual somado aos processos de subjetivação nos fornecem subsídios para uma análise dos sentidos e dos significados que são produzidos pelo sujeito na sua relação com o social (Sawaia, 2006a e 2006b).

A reflexão acima apresenta de forma clara o objetivo da presente pesquisa, a qual foi realizada com um varredor de rua, através de uma entrevista semi-dirigida. Com o material em mãos foi realizada uma análise construtiva/interpretativa, fundamentada nos aspectos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. A partir do discurso do sujeito buscou-se uma aproximação dos sentidos e significados produzidos pelo sujeito, através de uma articulação entre a realidade social na qual o sujeito está inserido, as relações por ele estabelecidas e as formas únicas e singulares de se apropriar da sua realidade, aspectos constitutivos e constituintes de sua subjetividade. Abaixo farei uma breve introdução da forma como foi organizado o trabalho que aqui apresento.

No Capítulo 1 farei uma discussão articulando o conceito de desigualdade social, forma pela qual a nossa sociedade se organiza, e a relação dialética exclusão/inclusão social. Procuo fomentar uma reflexão utilizando as produções teóricas de dois autores, Sawaia e Martins, os quais analisam estes conceitos à luz de uma produção histórica e social. Isto significa dizer que as formas de organização da sociedade citadas acima se apresentam atualmente como indispensáveis para o funcionamento da sociedade capitalista, as quais geram formas sub-humanas de existir. Uma apropriação histórica é necessária para que possamos compreender a

exclusão social não como um processo que se encerra em si, mas que está em constante configuração.

O conceito de exclusão social é entendido pelos autores citados acima não apenas como uma privação econômica, mas que também abrange aspectos sociais, políticos e individuais. Desta forma, acrescentam ao compreender que esta forma de organização social produz não apenas consequências de ordem econômica e social, mas também consequências únicas e singulares, por estar diretamente relacionada à constituição da subjetividade. Neste sentido, autores como Sawaia e Martins compartilham a ideia de que a exclusão representa também uma privação subjetiva que implica em sofrimento e que está relacionada às formas de discriminação e injustiça social. A exclusão é vista como um fenômeno que não se encerra em si, mas que possui diversos sentidos subjetivos nos aponta para as sutilezas da subjetividade humana.

Neste sentido, o Capítulo 2 vai ao encontro desta proposta, uma vez que é nele que procurarei desenvolver com mais clareza como ocorrem as formas de organização e de produção da subjetividade, a qual estará sempre relacionada a um determinado sujeito em um determinado contexto histórico e social. Esta afirmação aponta para a relação dialética do homem com o social, através da qual significados produzidos socialmente interferem diretamente na subjetividade, ao mesmo tempo em que esta produz transformações na sociedade. Ao final deste Capítulo é feita uma reflexão sobre o trabalho, entendido como atividade humana, como um elemento importante para constituição da subjetividade.

Desta forma, para compreender os sentidos produzidos pelos sujeitos é necessário partir de uma concepção de homem que o compreenda como um ser ativo, histórico e social, ao mesmo tempo em que é único e singular. Um ser que expressa sua singularidade e que produz sua subjetividade. Neste sentido, a perspectiva metodológica adotada na pesquisa está fundamentada nos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, os quais compreendem o homem a partir da relação dialética que estabelece com o social e com a história (Aguilar e Ozella, 2006). No Capítulo 3 apresentarei com mais detalhes os aspectos teóricos e metodológicos desta abordagem.

Por fim, no Capítulo 4, farei uma articulação entre a teoria apresentada anteriormente e a pesquisa realizada com um trabalhador, cuja profissão é de baixo prestígio social. Esta articulação busca compreender mais profundamente como ocorre o processo de constituição da subjetividade, visto que o a análise do discurso do sujeito entrevistado, procura apreender os sentidos e os significados produzidos por ele, através de uma interlocução entre teoria e pesquisa.

CAPÍTULO 1 – DESIGUALDADE SOCIAL E A DIALÉTICA

EXCLUSÃO/INCLUSÃO

“é no sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu”. (Sawaia, 2006b, p.98-99)

A palavra exclusão carrega em si inúmeros significados que precisam ser analisados em sua especificidade para que o problema em questão possa ser enfrentado e solucionado. Tal conceito abrange usos de diferentes qualidades, podendo estar relacionado à privação de algo, à inadaptação individual ou social, à deficiência física ou mental ou à injustiça e exploração social. Sawaia (2006a) afirma que para compreender diferentes qualidades e dimensões da exclusão é preciso atender para a dimensão objetiva da desigualdade social, para a dimensão ética da injustiça e para a dimensão subjetiva do sofrimento.

Ao pensar no sofrimento vivenciado pelo processo de exclusão social, Sawaia (2006b) afirma que “é o indivíduo que sofre, porém, esse sofrimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente” (p.99). Através de uma análise teórica e conceitual da sociedade atual é possível constatar que há uma desigualdade de acesso aos bens sociais, os quais deveriam ser iguais para todos. Os direitos à educação, saúde e habitação deveriam ser fornecidos para toda a população, já que visam satisfazer as necessidades humanas. Partindo deste pressuposto, o trabalho que se segue irá investigar a dimensão subjetiva produzida pelas vivências do homem com a sociedade e com os indivíduos que a constituem. É a partir da vivência do sujeito no seu meio social que a subjetividade se constitui e, através do seu discurso é possível apreender os sentidos, significados, idéias e valores produzidos pelas relações por ele estabelecidas.

Para compreender a dimensão subjetiva dos trabalhadores fui em busca de um conceito de exclusão social que fundamentasse e orientasse o trabalho por mim proposto. Segundo Bader Sawaia (2006a, p.09):

a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema.

Isso quer dizer que ao falar em exclusão estamos nos referindo a um processo que abrange aspectos econômicos, sociais, políticos, históricos e individuais. A exclusão não é apenas uma privação econômica, mas diz respeito também à discriminação, à injustiça social e a uma subjetividade produzida histórica e socialmente, portanto, geradora de diversos sentidos, significados e de sofrimento. É também um processo dialético que exclui para depois incluir atendendo ao processo de reprodução do sistema político-econômico da sociedade capitalista e à manutenção da ordem social, a qual não encerra em si, mas que está em constante configuração e conexão entre as diferentes pessoas, entre o eu e o outro (Sawaia 2006a). Isso significa que a ordem social não é imutável, mas sim produto da história e das relações nela estabelecidas, o que torna possível a sua transformação. No entanto, faz parte da lógica do sistema político-econômico vigente e visa atender as suas necessidades, como, por exemplo, manter a desigualdade social. Compreender a ordem social como dado imutável seria aceitar a exclusão como um aspecto natural, como fatalidade e não como condição para a existência deste sistema. Martins (2003a) compartilha desta idéia e afirma que no Brasil as políticas econômicas atuais se caracterizam por

políticas de inclusão das pessoas nos processos econômicos, na produção e circulação de bens e serviços, estritamente em termos daquilo que é racionalmente conveniente e necessário à mais

eficiente reprodução do capital. E, também, ao funcionamento da ordem política, em favor dos que dominam. Esse é um meio que claramente atenua a conflitividade social, de classe, politicamente perigosa para as classes dominantes (p.20)

A reprodução da desigualdade social passou, então, a ser essencial nesta lógica, colocando a miséria como condição para o funcionamento deste sistema, que se dá pela concentração de riquezas e pela mercantilização das coisas e dos homens. Os indivíduos são incluídos no mercado de trabalho, porém são alienados de seu esforço vital, de sua produção. O excluído é mantido como parte integrante da sociedade, o que significa que todos os indivíduos estão incluídos de uma determinada maneira, sendo em muitos casos, precária e desumana. Isso acontece, segundo Martins (2003b) porque a sociedade capitalista tem uma lógica própria que se dá em função da circulação do mercado e das suas leis, portanto visa “tudo desenraizar e a todos excluir porque tudo deve ser lançado no mercado” (p.30), entendendo inclusive o homem como mercadoria. O autor concorda com Sawaia ao dizer que não há um processo de exclusão no sentido puro da palavra. Para ele “existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes” (p.14), que estão inseridas nestes processos constituindo-os, embora, muitas vezes, negando-os. Segundo o autor, “as reações não ocorrem de fora para dentro; elas ocorrem no interior da realidade problemática, ‘dentro’ da realidade que produziu os problemas que as causam” (p.14). O que o autor nos diz é que a exclusão é uma expressão das contradições deste sistema e não uma fatalidade, no sentido naturalista, ou consequência única da dinâmica social. É um processo que coloca “em movimento, ao mesmo tempo, a interpretação crítica e a reação da vítima, isto é, a sua participação transformativa no próprio interior da sociedade que exclui, o que representa a sua concreta integração” (p.17), nos indicando que existem elementos que podem agravar ou diminuir esta realidade. A exclusão não é explicada apenas pelo fenômeno em si, mas também pela interpretação que o sujeito faz deste fenômeno, o que nos aponta para o fato de que, embora o homem seja determinado socialmente, é dotado de consciência e individualidade. Isto quer dizer que o o homem expressa sua singularidade e produz sua subjetividade a partir

da relação dialética que estabelece com o social, aspecto que será abordado com maior profundidade no Capítulo 2.

A afirmação acima retoma a idéia já explicitada de que a exclusão não se caracteriza apenas por um processo histórico e social, mas que envolve também o homem na sua singularidade, sendo produzidos através deste processo inúmeros sentidos e significados – categorias que serão explicadas posteriormente –, a partir da relação do homem com o seu meio social. Portanto, trata-se de um processo que envolve o pensar, o agir e o sentir somado às determinações sociais e históricas. Segundo Martins (2003b), a dificuldade em olhar para as contradições, suas determinações e suas causas ocorre, pois a compreensão da realidade surge de um diálogo entre a economia e a teologia, o que impede “captar o movimento da sociedade (...) o homem dominado pelas relações estruturais da sociedade em que vive, mas, ao mesmo tempo, dotado de consciência”, acobertando, assim, a “compreensão de que o homem faz a sua própria história, nas condições que lhes são dadas” (p.09). O autor utiliza uma linha de trabalho antieconomicista, pois, segundo ele, o que importa entender não são as justificativas lógicas que explicam as opções econômicas que geram desemprego, miséria e sofrimento, mas sim a compreensão dos processos sociais e das contradições que nestes estão presentes, possibilitando, assim, uma transformação.

Exclusão e inclusão embora sejam oposições conceituais são indissociáveis e uma inexistente sem a outra. É na relação, que está em constante movimento, que se constituem e produzem sentidos variados de acordo com o momento histórico. Ainda sobre este processo dialético exclusão/inclusão Sawaia (2006a,p.08) afirma:

Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.

Gostaria de chamar a atenção a citação acima, cuja idéia é de que grande parte dos sujeitos estão inseridos na sociedade pela privação, pela falta de algo, pela incapacidade de estar de algum outro modo. Para Martins (2003a, p.18) “a exclusão é apenas um momento da percepção que cada um e todos podem ter daquilo que concretamente se traduz em privação”, o que pode ser chamado de pobreza. Esta afirmação nos coloca diante do fato de que a pobreza mudou sua forma, suas delimitações e suas conseqüências. Hoje em dia ao falar em privação estamos nos referindo a uma privação que não é apenas econômica, que carrega uma dimensão moral. Existem formas variadas de privação – de emprego, estudos, acesso aos direitos sociais, consumo, liberdade, lazer, esperança, etc – que precisam ser olhadas e compreendidas pelos significados que o sujeitos lhes atribui a estas vivências e também na relação que tem com o momento histórico e social.

Sawaia (2006b) utiliza o sofrimento ético-político como categoria de análise da exclusão e assim o conceitua:

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (p.104-105)

Para conhecer este sofrimento humano que diz respeito à cidadania, é preciso olhar para as formas de privação vivenciadas pelo sujeito que se escondem no processo de inclusão, ou melhor, “no processo de disciplinarização dos excluídos, portanto, processo de controle social e manutenção da ordem na desigualdade social” (Sawaia 2006b, p.107-108). Martins (2003a) fala das experiências dos educadores populares em lidar com a nova desigualdade gerada pela exclusão, os quais apresentam dificuldade em relacionar as experiências do

vivido com as palavras que apenas rotulam. Deste modo, pretende “tratar dos modos de experimentar, isto é, compreender o modo de vivenciar o que está sendo chamado de exclusão” (p.18), as contradições que se expressam neste processo. Daí a importância de descobrir “os significados ocultos e ocultados, os mecanismos invisíveis da produção e reprodução da miséria, do sofrimento, das privações” (p.10), pois só assim se estará atento às possibilidades de transformação da vida e do mundo. O autor compartilha desta ideia ao afirmar que o grande problema da exclusão diz respeito aos “equivocos gerados pela transformação do conceito (exclusão) na palavra sem sentido, que desdiz o que aparentemente quer dizer” (p.11), o que faz com que a palavra, ao invés de expressar uma prática, acaba induzindo a uma prática, uma vez que os conceitos não derivam da prática, mas faz da prática a realização dos conceitos, empobrecendo a interpretação da mesma. Isso quer dizer que ocorre a fetichização da ideia exclusão que impede que apareçam as mediações que se interpõem entre a economia e outros níveis e dimensões da realidade social. A palavra exclusão nos indica que os indivíduos estão sendo empurrados para fora de suas relações sociais, sendo também privados dos direitos que dão sentidos a tais relações, tornando-se indivíduos carentes de vida com sentido, que segundo o autor é a exclusão historicamente maior e mais grave. Isso nos aponta para o fato de que ao falar em exclusão estamos nos referindo à economia, direitos sociais e poder, mas também falamos dos desejos, da afetividade e das perspectivas. Refletir sobre exclusão é olhar para a humanidade e para as relações do homem, ou seja, de um ser social, histórico, individual e subjetivo ao mesmo tempo. Sawaia (2006b) afirma que:

a exclusão vista como sofrimento de diferentes qualidades recupera o indivíduo perdido nas análises econômicas e políticas, sem perder o coletivo (...) É no sujeito que se objetivam as várias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu. (p.98-99)

e acrescenta

cada emoção contem uma multiplicidade de sentidos, os quais para serem compreendidos, precisam ser inseridos na totalidade psicossocial de cada individuo. Não basta definir as emoções que as pessoas sentem, é preciso conhecer o motivo que as originaram, para conhecer a implicação do sujeito com a situação que os emociona (p.110).

CAPÍTULO 2- SUBJETIVIDADE

Segundo Gonçalves (2001) a construção da noção de subjetividade ocorre no momento histórico em que a Psicologia se constitui como ciência e no qual o homem é afirmado como sujeito. Este momento se caracteriza por grandes transformações sociais, econômicas e políticas que resultam na mudança do modo de produção feudal para o capitalista, as quais implicam em novas concepções de mundo e de homem, influenciadas pelo pensamento moderno. No entanto, o sujeito que é entendido como social, ativo e histórico é, ao mesmo tempo, individual, racional e natural, o que nos coloca diante de uma contradição, que produz a afirmação e negação do sujeito. Segundo a autora, para compreender tal contradição, é preciso entender a “noção materialista dialética da história, que concebe a história como um processo contraditório, produto da ação dos homens, em sociedade, para a construção de sua própria existência” (p.38).

O momento histórico que marca o surgimento da Psicologia como ciência é caracterizado por uma lógica dicotômica que pensa todas as configurações a partir das relação objetividade-subjetividade, interno-externo, indivíduo-sociedade. Desta forma, não poderia ser diferente com a categoria subjetividade, a qual é fortemente marcada pela ideologia da ciência moderna, que carrega em sua expressão características históricas. Segundo Gonçalves (2001) isto nos indica que a relação objetividade-subjetividade está implicada na configuração deste objeto e nas formas de apreendê-lo.

A categoria subjetividade, entendida como experiência humana, signo e conceito teórico, aponta para a “relação entre a base material e a produção de idéias no movimento histórico” (Gonçalves, 2001, p.41). Experiência humana pois a subjetividade se constitui de diferentes formas ao longo da história, signo pois simboliza essa experiência, transformando-se com ela e, conceito teórico, pois surge no desenvolvimento da Psicologia como ciência na modernidade, o que nos possibilita perceber que este conceito é produzido e está contextualizado historicamente, expressando suas contradições e, ao mesmo tempo é incorporado pelo sujeito, modificando sua própria experiência.

Desta forma, a autora afirma que a Psicologia Sócio-Histórica parte da “historicidade das experiências humanas, bem como das idéias produzidas pelos homens como expressão mediada dessas experiências” (p.38), compreendendo-as como toda e qualquer atividade do homem que envolva a transformação da natureza, em sociedade, para atender suas necessidades, caracterizando-se, assim, como uma forma de produção de sua própria existência. Tais atividades, segundo a autora, implicam necessariamente em produção de idéias e representações, as quais refletem na vida do sujeito através de suas ações e relações. As idéias produzidas pelo homem, por sua vez, tem origem na base material da sociedade, já que parte-se do pressuposto de que a produção de idéias e conhecimentos reflete a realidade do momento histórico em que as mesmas se constituíram. Segundo Gonçalves (2001) “essas idéias, por sua vez, orientam a ação dos homens e, nesse sentido, modificam e desenvolvem a ação, ao mesmo tempo em que também são modificadas” (p.39). Esta afirmação aponta para um processo que ocorre a partir da relação dialética que estabelece, o que nos alerta para o fato de que, embora as idéias tenham o seu próprio movimento, este sempre deverá ser “situado na sua relação com o movimento da base material e, em última instância, como representação dela” (p.39). Como exemplo desta relação a autora traz a concepção de sujeito produzida pela modernidade, indicando que

O homem que surge com o advento do capitalismo é o individuo livre, sujeito de sua vida. O desenvolvimento das forças produtivas capitalistas põe em relevo o individuo, como possuidor de livre-arbítrio, capaz de decidir que lugar ocupar na sociedade. Isso é possível já que a nova sociedade se abre como um mercado no qual todos podem vender e comprar em função de seus próprios talentos. A necessidade de se produzir mercadorias impõe aos homens uma participação na sociedade na forma de indivíduos, produtores e/ou consumidores de mercadorias (p.39).

Esta afirmação de homem livre e individual abre espaço para uma nova concepção de subjetividade, que reconhece e valoriza as experiências individuais do

homem. No entanto o sistema capitalista coloca a liberdade individual e as diferenças entre os indivíduos – ideologias do liberalismo e romantismo, respectivamente – como ilusões. O Estado vai se fortalecendo e, para isso, precisa que as experiências do indivíduo sejam adequadas ao Estado, o qual representa o capital e a burguesia, sendo necessário, para obtenção de sucesso deste sistema, controlar os indivíduos para que estejam a serviço do capital. Deste modo o indivíduo que é afirmado como livre e individual é, ao mesmo tempo, negado, pois a exigência de uma massificação da produção de mercadorias e a necessidade de que os sujeitos estejam treinados e controlados para dar sustentação ao capital eliminam a possibilidade da existência de sujeitos livres e individuais. Isto significa que a experiência de subjetividade privatizada entra em crise, abrindo espaço para o desenvolvimento de explicações sobre o sujeito e a subjetividade, suas características, constituição e origem. É neste contexto que surge a Psicologia como ciência, que busca chegar a tais explicações.

Como dito anteriormente, o momento histórico que possibilitou a construção da categoria subjetividade é marcado pela razão e busca do controle, seja em relação ao sistema político econômico ou em relação à produção de conhecimento, o que traz um carácter objetivo às ciências. No entanto, o que se pretende é estudar a subjetividade humana. Assim, estes dois elementos, o objetivo e o subjetivo, representam expressões de experiências historicamente constituídas muito importantes na compreensão do homem, na apreensão da realidade em que o homem vive, assim como nas possibilidades de conhecer e agir sobre esse mundo. No entanto, Gonçalves (2001) alerta para o fato de que “a não compreensão da unidade contraditória entre as duas experiências implicou limites para esse conhecimento e essa compreensão do homem” (43). Segundo a autora é com o advento da modernidade que esta questão contraditória é também vista como possibilidade da superação de tal contradição pelo pensamento dialético, o qual

expressa a realidade de transformação constante de todas as coisas a partir da contradição que encerram. O pensamento dialético representa a possibilidade de superar a separação dicotômica entre objetividade e subjetividade, a partir da categoria contradição. Embora

continuem a ser afirmadas em sua importância e especificidade, como elementos contrários, objetividade e subjetividade são afirmadas, ao mesmo tempo como unidades de contrários, em constante movimento de transformação. E o sujeito, que atua sobre o objeto, é tomado na historicidade resultante de sua ação de transformação do objeto, ação que ocorre, necessariamente, em sociedade. (Gonçalves, 2001,p.44)

González Rey (2004) cita Martin Baró ao falar da importância de integrar a categoria subjetividade à Psicologia, a qual, no surgimento desta ciência, era descartada pela Psicologia Social. O autor afirma que

o ser humano é uma realidade objetiva no âmbito de uma sociedade e, portanto, objeto e sujeito nas circunstâncias, produto e produtor de umas condições materiais, interlocutor e referente de umas relações sociais. Mas o ser humano também é uma realidade subjetiva, gerador de uma perspectiva e de uma atividade e, portanto, produtor de uma história pessoal e social e produtor de uma vivência (p.142),

a qual é inseparável do sentido subjetivo.

Esta visão de homem e de mundo rompe com as dicotomias interno e externo, objetivo e subjetivo, ao pensar indivíduo e sociedade como elementos constituintes e constituídos um do outro, a partir da relação que estabelecem entre si. Esta relação nos aponta para o fato de que a subjetividade e a posição do sujeito no social e do social no sujeito abrem para diversas possibilidades de caminhos de produção de sentidos subjetivos, pois, segundo González Rey (2004),

o histórico pessoal é precisamente o ponto que serve de limite entre a subjetividade individual e social, na medida em que (...) refere-se à história impossível de se repetir, de um sujeito concreto, que passou

por uma determinada experiência social de uma maneira única, e que, portanto, na especificidade de seus processos de subjetivação, nos permite opções de interpretação sobre o contexto social que as experiências coletivas dos indivíduos que compartilham esses espaço social muitas vezes não nos permitem (p. 142-143).

González Rey (2004) define subjetividade como “um sistema complexo que tem dois espaços de constituição permanente e inter-relacionada: o individual e o social, que se constituem de forma recíproca e, ao mesmo tempo, cada um está constituído pelo outro” (p.141). Isto significa que os processos de subjetividade social e individual ainda que possam ser descritos como dois momentos de constituição – o sujeito individual e as instâncias sociais em que este sujeito convive – fazem parte de um mesmo sistema, o qual ocorre através de uma relação de mediação, na qual cada processo só existe pois é constituído e constituinte do outro, e, portanto, a análise de cada um destes processos se dá a partir da relação dialética que estabelecem. Assim, a divisão entre subjetividade individual e social é meramente didática e visa auxiliar a compreensão destes processos.

Para González Rey (2004) esta nova forma de apreender a subjetividade possibilita romper com a idéia de sujeito naturalizado, já que a concepção de homem que fundamenta o materialismo histórico dialético é a de que o sujeito só se constitui enquanto tal porque é social, ativo e histórico, ao mesmo tempo em que é subjetivamente constituído. Esta visão possibilita o rompimento com a idéia naturalizante do homem e, ainda, traz a individualidade como condição ao não compreender o sujeito como uma reprodução objetiva da realidade social em que vive. Desta forma, o autor afirma “é impossível distinguir entre os processos de ordem social, nos quais se produz a ação individual e os processos psíquicos individuais que são constituintes desta ação” (p.141), apontando para a relação de mediação citada a cima.

O autor rompe com a idéia de que a subjetividade é um fenômeno unicamente individual que ocorre indissociadamente do contexto histórico e social. Propõe o conceito de subjetividade social, o qual não representa uma reprodução

dos processos objetivos, mas sim uma forma de constituição do tecido social. González Rey (2005) define subjetividade social como

um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-cultural, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual (p.202).

Na mesma direção do autor citado acima Furtado (2003) acrescenta que “a subjetividade se expressa no plano social como constituinte da vida social (...) que não se diferencia da individual pela sua origem, mas pela sua constituição. Isso significa dizer que as configurações psicológicas não são mero reflexo do mundo exterior, mas resultado de um intrincado processo dialético de construção e reconstrução subjetiva e objetiva da realidade” (p. 220-221).

Acrescentando à idéia apresentada anteriormente de que o conceito de subjetividade social permite romper com a visão dicotômica indivíduo-sociedade, ao compreender os processos sociais não como externos e determinantes ao indivíduo, mas como processos implicados dentro de um sistema – a subjetividade – do qual o sujeito é, ao mesmo tempo, constituído e constituinte, podemos afirmar que a constituição social do indivíduo não é definida pelas características dos espaços sociais, adquirindo uma trajetória única. Ao contrário, é um processo diferenciado que depende das formas em que são estabelecidas as relações entre o sujeito e o social. Isso quer dizer que a subjetividade social não é algo estável e imutável, mas sim um sistema complexo de “configuração subjetiva dos diferentes espaços da vida social que, em sua expressão, se articulam entre si, definindo complexas configurações subjetivas na organização social” (p.203). Isto posto, estamos diante de uma visão de homem que o concebe como produto e ator de um determinado contexto histórico e social. A categoria subjetividade é, ao mesmo tempo, produto da

sociedade e da ação do indivíduo, pois parte-se da concepção de que o homem é um ser histórico, o que significa que sua subjetividade é constituída por diversos fatores sociais que influenciam o indivíduo e nos quais ele também age, constituindo-se nessa relação. O homem age sobre a realidade, transformando-a e, assim, transformando-se.

A subjetividade social possui formas de organização complexas que estão relacionadas a ação dos indivíduos nos diferentes espaços sociais e aos processos de institucionalização, que na sua articulação confluem elementos de sentido dos diversos espaços sociais. Essas formas de organização são denominadas pelo autor de configuração, categoria que “constitui um núcleo dinâmico de organização que se nutre de sentidos subjetivos muito diversos, procedentes de diferentes zonas de experiência social e individual” (p.204). É uma categoria flexível, já que se constitui no funcionamento de um sistema, ou seja,

as configurações são um elemento de sentido dentro do comportamento atual de um sistema subjetivo, seja este social ou individual e, ao mesmo tempo, podem alterar sua forma de organização ante a emergência de sentidos e configurações que passam a ser dominantes dentro do momento atual de ação do sistema” (p.204).

Isso aponta para a possibilidade de transformação da configuração subjetiva de um espaço, pelo fato de elementos de sentido procedentes de outros espaços estarem articulados com aquele. Isto quer dizer que um espaço social está articulado a outros, pois elementos de sentido transitam entre os diversos espaços sociais, os quais, de alguma forma, expressam características do funcionamento da sociedade em que tais sentidos se constituíram. (González Rey, 2004, p. 147). Assim, ao compreender a configuração subjetiva de um determinado espaço torna-se possível a apreensão dos sentidos e significados que são produzidos nos diferentes espaços sociais, já que aquele contém elementos subjetivos de outros, assim como elementos que caracterizaram este mesmo espaço em momentos

históricos anteriores. Isto significa dizer que sentidos se transformam de acordo com o contexto social e histórico, produzindo novos modos de ver aparentemente um mesmo fenômeno. Desta forma, a apreensão das configurações subjetivas dos espaços sociais possibilita, em última análise, a compreensão da sociedade.

O autor afirma, então, que a categoria subjetividade permite estudar elementos de sentido e significados que, ao serem considerados como indicadores, possibilitam penetrar em outras zonas do tecido social aparentemente distantes ou sem relação com a área estudada, não limitando-se, assim, ao estudo de manifestações sociais pontuais (González Rey, 2005).

Segundo o autor, a subjetividade social se constitui como

resultado de processos de significação e sentido que caracterizam todos os cenários de constituição da vida social, e que delimitam e sustentam os espaços sociais em que vivem os indivíduos, por meio da própria perpetuação dos significados e sentidos que os caracterizam dentro do sistema de relações em que eles atuam [de maneira individual e social] e se desenvolvem (González Rey, 2005, p. 205-206).

Assim, é possível, a partir das narrações socialmente produzidas em certos espaços sociais, apreender uma produção de sentido que está além de uma produção simbólica contextual, mas que revela elementos da sociedade em sua organização atual.

A subjetividade individual, entendida como um dos momentos de constituição da subjetividade, é produzida em espaços sociais constituídos historicamente, o que implica dizer que esta categoria se constitui a partir de sentidos e significados produzidos nos diferentes espaços sociais nos quais o sujeito transita. O indivíduo, ao entrar na vida social, vai se transformando em sujeito, passando por diferentes contextos sociais de subjetivação. É a partir destes contextos que o sujeito vai se constituindo enquanto tal e, simultaneamente, atuando como um elemento

diferenciado do desenvolvimento dessa subjetividade social. Em outras palavras, isto que dizer que o indivíduo se integra de maneira única nos espaços sociais, nos quais concretizará sua atividade. Através de sua atuação o sujeito transforma o ambiente e, assim, a si mesmo. González Rey (2005) afirma que o sujeito, entendido como ativo, social e histórico, ao mesmo tempo em que é único e singular, ao agir sobre a realidade possibilita novos processos de subjetivação, novas redes de relações sociais que caracterizam transformações nas formas de funcionamento do sistema.

Deste modo, o autor afirma que os processos de subjetivação individual e os sistemas de relação social estão articulados, tendo momentos de expressão no nível individual e social, os quais geram diferentes conseqüências que se integram nestes dois sistemas que coexistem: a subjetividade social e individual.

A subjetividade individual indica processos e formas de organização da subjetividade que ocorrem nas histórias diferenciadas dos sujeitos individuais. Portanto, ela delimita um espaço de subjetivação que contradiz e de forma permanente se confronta com os espaços sociais de subjetivação. O processo de produção de sentidos subjetivos do sujeito individual não reproduz nenhuma lógica externa ao sistema individual no qual esses sentidos são produzidos. Uma das forças essenciais para o desenvolvimento de ambos os níveis é precisamente a tensão que se produz entre esses dois espaços de subjetivação (González Rey, 2004, p.141).

A subjetividade individual representa, segundo González Rey (2005), os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos, entendendo que estes dois momentos se relacionam dialeticamente, caracterizando o desenvolvimento da subjetividade. Os processos de subjetivação ocorrem a partir da experiência social do sujeito e, as formas de organização desta experiência se dão a partir do curso da história única do sujeito. Em outras palavras, a história pessoal e única de cada indivíduo está constituída na subjetividade individual, a qual, por sua

vez, se constitui a partir das relações pessoais que o indivíduo estabelece dentro de uma cultura. Segundo o autor, o sujeito representa um dos momentos essenciais da subjetividade individual, pois “constitui o momento vivo da organização histórica da sua subjetividade, e está implicado de forma constante nos diversos espaços sociais dentro dos quais organiza suas diferentes práticas” (p. 241).

Com isso, quero apontar para o fato de que ao falar em subjetividade estamos falando em produção de sentido, a qual ocorre a partir de “uma configuração que tem uma história e na qual o novo evento surge no processo de desenvolvimento de uma configuração subjetiva e só adquire sentido subjetivo como momento desse desenvolvimento” (González Rey, 2004, p.143), o que indica que na produção de sentido ocorre uma integração e confronto do histórico e do atual de maneiras particulares nos espaços de subjetivação, sejam estes individual ou social.

O que se propõe é uma relação dialética entre a subjetividade social e individual, uma vez que estes processos se expressam como momentos contraditórios que se integram a partir da tensão que geram na constituição complexa da subjetividade humana, a qual é inseparável da condição social de homem. A subjetividade, portanto, é um fenômeno que não se reduz ao individual tampouco ao social; é um fenômeno social e historicamente configurado.

A condição de sujeito individual se define somente dentro do tecido social em que o homem vive, no qual os processos de subjetividade individual são um momento da subjetividade social, momentos que se constituem de forma recíproca sem que um se dilua no outro, e que têm de ser compreendidos em sua dimensão processual permanente (González Rey, 2005, p.206).

Isso quer dizer que o sujeito compartilha sentidos e significados gerados dentro dos espaços sociais que convive, os quais passam a ser elementos da subjetividade. Em outras palavras, a subjetividade humana se constitui a partir de

uma trajetória única e singular, a qual contém elementos de sentido e significado produzidos em um determinado contexto histórico e social. Ao mesmo tempo, a condição de sujeito ativo leva ao desenvolvimento de novas configurações subjetivas que transformam os espaços e, assim, o próprio sujeito. Estas afirmações nos colocam diante de uma integração complexa e contraditória entre indivíduo e sociedade, uma vez que está posta uma relação dialética de integração e ruptura, de constituído e constituinte, movimento este que caracteriza o processo do desenvolvimento humano (González Rey, 2005).

Segundo González Rey (2004) “as instâncias da subjetividade [individual e social] são sistemas processuais em desenvolvimento permanente que se expressam através dos sujeitos concretos que se posicionam ativamente no curso desse desenvolvimento” (p.145). A subjetividade, portanto se constitui de forma única e singular. É a partir da ação do sujeito nos diferentes espaços sociais que a subjetividade vai traçando sua trajetória que será, sempre, diferenciada de outras, pois a apreensão dos sentidos e significados ocorre de maneira única para cada sujeito.

A categoria trabalho apresenta-se atualmente como um tema muito estudado no campo da Psicologia e de extrema importância para pensar a constituição da subjetividade.

O tema trabalho transcende o campo da Psicologia das Organizações e está presente em diversas áreas de atuação do psicólogo, seja no atendimento clínico, no campo educacional, nas empresas ou nas produções científicas. Segundo Furtado (2003), em qualquer uma destas áreas, um desafio está colocado aos psicólogos: “conhecer e explicar a constituição de um campo de subjetividade ligado ao trabalho” (p.213).

As reflexões apresentadas acerca das relações de trabalho e da constituição da subjetividade do trabalhador estão referidas aos fundamentos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. Abaixo apresento dois aspectos essenciais para pensar a categoria trabalho e subjetividade:

- compreender o fenômeno a partir de uma abordagem histórica, o que significa, nas palavras de Furtado (2003) “buscar, na história, a maneira como são engendradas as condições concretas de constituição do fenômeno” (p.216);
- compreender o homem como um ser “historicamente determinado, cuja singularidade se expressa através da história constituindo, através da transformação da natureza, portanto, através da atividade produtiva e consciente (que é o trabalho), as suas próprias condições de vida. Assim, para a Psicologia Sócio-Histórica o trabalho é categoria fundante da constituição do ser humano” (p.216).

Segundo o autor ao refletir sobre este tema, o que está sendo proposto é “uma discussão de um tema fundante e constituinte da própria humanidade” (p.212), uma vez que todas as formas de produção da vida se constituem a partir do trabalho e, assim, estas diferentes formas em seus diferentes contextos constituem a história da humanidade. Nesta perspectiva Furtado (2003) apresenta o trabalho como

condição básica de reprodução das relações de produção, o processo básico de constituição da atividade consciente como estágio material da formação da consciência. Nesse sentido, a atividade pode ser considerada como categoria básica da formação do psiquismo, o trabalho como condição fundante da própria humanidade, e o processo produtivo, o fio condutor da história da humanidade e o desenvolvimento cultural da humanidade (p. 219).

Deste modo, estudar a categoria trabalho significa “estudar a condição humana, já que é a atividade a base material de constituição do psiquismo” (p.221). O homem, através do seu trabalho, produz sua existência e deste modo, “revela – em todas as suas expressões – a historicidade, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção” (Aguiar e Ozella, 2006, p.02). Em outras palavras, é através do

agir humano que o homem transforma a natureza e a si próprio, produzindo os significados através deste processo de produção histórica, cultural, social e pessoal.

A capacidade de trabalhar permitiu ao homem a condição de se apropriar simbolicamente do mundo que o cerca e transformar a natureza de forma consciente, o que significa que “atividade consciente do homem é a forma como sua subjetividade se apresenta no mundo” (p.218), entendendo atividade como uma categoria constituída pela condição de modificação consciente da natureza através do trabalho. Esta possibilidade de transformação consciente da natureza, segundo o autor, possibilita ao homem “realizar a atividade para além da própria sobrevivência, usando-a na própria constituição de sua humanidade. A atividade passa a ser a expressão concreta da ação do homem no mundo e a forma concreta de mudar a sua própria consciência desse mundo” (p.219).

Portanto, estudar o tema trabalho significa, também, “estudar as relações concretas de desenvolvimento histórico das relações de produção, na forma em que se manifesta a divisão técnica e social do trabalho” (p.221), uma vez que o trabalho é

um fenômeno que é estudado em sua dimensão concreta, representada por um determinado modo de produção, por uma determinada relação de produção, por uma determinada divisão técnica e social do trabalho, por um certo engendramento das forças produtivas e dos meios de produção. Isso significa dizer que o fenômeno trabalho é historicamente determinado e se manifesta de uma determinada maneira, conforme a condição histórica, a história social de um país, a sua determinada relação de classes (p.221).

CAPÍTULO 3 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO/METODOLÓGICOS **DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA**

“Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra” (Vigotski, 2003, p.190).

É no século XIX que surgem as condições para a construção da Psicologia, período em que a burguesia ascende socialmente e que ocorrem várias transformações, as quais constituem as condições históricas para o surgimento da ciência moderna, marcada pelo positivismo, racionalismo, mecanicismo, associonismo, atomismo e determinismo. As principais características deste período são a liberdade do homem e a ênfase nele mesmo, a valorização da razão humana e a possibilidade de transformar o mundo. Segundo Bock (2001), tais características tem como objetivo “desvendar as leis da natureza e construir um conhecimento pela experiência e pela razão” (p.15).

O momento histórico no qual a Psicologia se constitui é marcado pelo liberalismo, ideologia que nasceu com a revolução burguesa durante a transição do feudalismo para o capitalismo. As idéias liberais opunham-se à ordem feudal, instituindo-se como essenciais para a manutenção do novo sistema político-econômico que se configurava. Tem como principais objetivos manter a nova ordem social e romper com a estabilidade e com as certezas, fundamentando-se no individualismo. Segundo Bock (2001), com esta nova visão “o indivíduo estava agora no centro e poderia e deveria se movimentar” (p.19), concepção fundamental para a constituição do capitalismo, uma vez que é preciso que o mundo esteja em movimento para que se possa explorar a natureza e dela retirar aquilo que é necessário para a produção de bens materiais. É preciso também que o homem seja um ser livre para produzir e consumir, movimentando, assim, o mercado. A autora afirma que é neste mundo que as possibilidades de ser, pensar e agir se constituem enquanto possibilidades humanas, já que diferentes possibilidades de escolha se

tornam possíveis, abrindo espaço para as diferenças entre os indivíduos, o que “permite o desenvolvimento de uma noção de indivíduo e, conseqüentemente, uma noção de eu entre os homens” (p.19), assim como o surgimento de uma ciência que estude o fenômeno psicológico que resulta deste processo histórico.

Desta forma, as idéias que possibilitam o surgimento da Psicologia como ciência partem de uma noção de eu e, assim, da concepção de um mundo ‘interno’, o que implica pensar os homens como indivíduos únicos e singulares. Têm como característica principal uma concepção de homem pensada a partir da noção de natureza humana, natureza esta que coloca todos os homens em uma condição de igualdade e apresenta a liberdade como exigência para que possam desenvolver suas potencialidades como seres humanos. Bock (2001) faz uma crítica a esta visão e apresenta uma outra, que caracteriza-se pela construção de uma concepção de homem, pensada a partir de um processo histórico. Neste mesmo sentido a possibilidade de uma ciência que estude este fenômeno apresentar-se-á como uma construção histórica.

Em 1875 Wundt distinguiu a Psicologia como uma ciência, caracterizada por um objeto próprio, a experiência consciente. Segundo a autora era uma Psicologia que já carregava contradições do humano e que não possuía instrumentos metodológicos para superar esta questão. Surgem, então, duas psicologias, uma Experimental e, a outra, Social, ambas na busca de “compreender o homem e seu contato com o mundo real” (Bock, 2001, p.16), embora não tenham superado as influências mecanicistas e deterministas. Apesar de apresentarem diferenças teóricas, “a compreensão do fenômeno psicológico é incompleta” (p.17) já que o foco está sempre para um lado da questão, não compreendendo o outro, entendendo-os como oposição. Para que a compreensão do fenômeno psicológico seja efetiva é necessário superar as dicotomias e entender que as contradições estão presentes no fenômeno psicológico, que o constituem enquanto tal.

Bock (2001) afirma que a Psicologia Sócio-Histórica está fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1896-1934), apresentando-se desde seus primórdios como uma possibilidade de superação dessas visões dicotômicas e, segundo Aguiar e Ozella (2006), apontavam para a necessidade de uma teoria que

fizesse a interlocução entre o método materialista dialético e os fenômenos psíquicos.

A categoria mediação permite romper com as dicotomias pois compreende os elementos como constituintes um do outro, possibilitando a existência destes numa relação na qual a análise das determinações estão inseridas em um processo dialético. Segundo estes autores, isso quer dizer que “o homem, ser social e singular, síntese de múltiplas determinações, nas relações com o social (universal) constitui sua singularidade através das mediações sociais”, o que aponta para o fato de que tal categoria “não tem, portanto, a função de apenas ligar a singularidade e a universalidade, mas de ser o centro organizador objetivo dessa relação”, organizando objetos, situações e/ou processos entre si e sua viabilização ainda que estejam distantes entre si (Aguiar e Ozella, 2006, p.225).

A partir de então foi possível o surgimento de uma Psicologia dialética – a Psicologia Sócio-Histórica -, que segundo Bock (2001)

fundamenta-se no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Nesse sentido, concebe o homem como ativo, social e histórico. A sociedade, como produção histórica dos homens que, através do seu trabalho, produzem sua vida material. As idéias, como representações da realidade material. A realidade material, como fundada em contradições que se expressam nas idéias. E a história, como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de idéias, incluindo a ciência e a psicologia (p.17 e 18).

O materialismo histórico e dialético representa o conjunto de idéias (crenças, valores e conhecimento) produzido pelo homem em um determinado momento histórico, o qual reflete a realidade deste momento, o que significa que as idéias produzidas socialmente têm origem na base material da sociedade, no modo de

produção. Essas idéias orientam as ações dos homens, modificando-as e desenvolvendo-as, ao mesmo tempo em que também são modificadas. É um processo dialético que, segundo Gonçalves (2001), aponta para o fato de que “embora as idéias tenham seu próprio movimento, (...) na sua contraposição e desenvolvimento, tal movimento deve, por outro lado, ser sempre situado na sua relação com o movimento da base material e, em última instância, como representação dela” (p.39). A autora afirma ainda que a

Psicologia Sócio-Histórica parte das categorias trabalho e relações sociais para situar o homem na sua historicidade, entendendo que o homem se constitui historicamente enquanto homem, por meio da transformação da natureza, em sociedade, para produção de sua existência (p.38-39),

produzindo bens materiais e espirituais – objetos e idéias, respectivamente.

Este método está relacionado a uma concepção de homem que o concebe como ativo, social e histórico, ao mesmo tempo em que é único e singular. Ativo, pois é produto e produtor da história, ou seja, produto na medida em que nasce inserido em um contexto e em uma realidade e produtor pois transforma o meio no qual está inserido. Histórico, pois é fruto de determinadas condições materiais que se apresentam a cada momento histórico. Social, pois é a partir das suas relações com os outros homens e com a natureza que se dá a produção dos meios de existência e que o homem se constitui enquanto tal. Uma concepção de homem que o compreende a partir da relação dialética que estabelece com o social e com a história. O homem não pode ser compreendido como um ser deslocado da realidade social na qual está inserido. Homem e sociedade são dois fenômenos diferentes, mas que estão contidos um no outro, uma vez que o homem só se constitui enquanto tal porque contém o social e, este, por sua vez, contém toda a produção humana.

Aguiar e Ozella (2006) compartilham desta idéia e afirmam que o homem é um ser que expressa a sua singularidade, que produz sua subjetividade a partir do social. Isto é possível, pois o “plano individual não constitui mera transposição do social. O indivíduo modifica o social, transforma o social em psicológico e assim cria a possibilidade do novo” (p.225). Afirmam ainda que “indivíduo e sociedade vivem uma relação na qual se incluem e se excluem ao mesmo tempo” (p.224) e explicam tal afirmação ao dizer que se incluem, pois todas as produções humanas ocorrem em um determinado contexto histórico, e se excluem, pois há uma diferenciação na qual é possível destacar a singularidade do sujeito.

A concepção de fenômeno psicológico para a Psicologia Sócio-Histórica visa superar as concepções metafísicas que entendem tal fenômeno como deslocado da realidade social e cultural e, assim, do próprio homem e como algo que surge no homem, naturalizado. Ao contrário disso, compreende o fenômeno psicológico como um processo que se desenvolve ao longo do tempo e que reflete as condições sociais, históricas e culturais na qual o homem está inserido.

Falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do ‘mundo interno’ exige a compreensão do ‘mundo externo’, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem. (Bock, 2001, p.22).

O fenômeno psicológico é entendido como subjetividade, constituído, portanto, na relação do homem com o mundo material e social a partir da atividade humana, possibilitando a construção de sentidos pessoais, decorrente “do processo de conversão do social em individual, de construção interna dos elementos e atividades do mundo externo” (Bock, 2001, p. 23).

Este processo de reconstrução interna de uma operação externa é chamado por Vigotski (1998) de internalização. O signo possui função mediadora da relação do sujeito com o mundo, ou seja, através dele o indivíduo apropria-se do social e constrói significados e sentidos, produzindo alterações internas. Assim como o signo, o instrumento também possui função mediadora, embora estas duas atividades possuam diferentes maneiras de orientar o comportamento humano. O instrumento é orientado externamente, o que significa dizer que leva necessariamente a mudanças no objeto. Segundo o autor, é o “meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza” (p.73). O signo, por sua vez, é orientado internamente e “constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo” (p.72-73). Embora existam diferenças, estas duas atividades possuem uma forte ligação, já que “o controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem” (p.73). Vigotski (1998) afirma ainda que “o uso de meios artificiais muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar” (p.73).

Isto aponta para o fato de que não é mais possível pensar a realidade social, econômica e cultural externamente ao homem, uma vez que o mundo social e o mundo psicológico estão interligados, sendo necessário para a compreensão deste último conhecer a realidade social na qual o fenômeno psicológico se constitui, do mesmo modo que a compreensão do fenômeno psicológico contribui para a do mundo social.

PENSAMENTO E LINGUAGEM

O estudo de Vigotski (2003) acerca do pensamento e da linguagem é de grande importância para o trabalho que aqui apresento. A compreensão da relação que se estabelece entre pensamento e palavra, cada qual com suas especificidades estruturais e funcionais, porém constituintes de uma unidade do pensamento verbal – chamada pelo autor de significado das palavras – possibilita acessar o

pensamento através da linguagem, apreendendo os diversos sentidos e significados produzidos pelo sujeito.

Segundo Vigotski (2003) a relação entre pensamento e palavra não representa uma condição para o desenvolvimento da consciência humana, mas sim um produto dele. Estes dois componentes não constituem processos independentes e paralelos que se conectam mecanicamente, ao contrário disso, o autor rompe com a concepção de que o pensamento verbal é resultado da união externa entre pensamento e palavra. Estes componentes quando analisados separadamente não possuem as propriedades do todo – do pensamento verbal –, portanto, Vigotski propõe que esta questão seja analisada em unidades, com a finalidade de superar a análise através das partes, uma vez que a unidade contém as diversas propriedades do todo. Para isso, utiliza a unidade significado das palavras como unidade do pensamento verbal.

A relação entre pensamento e linguagem é uma relação de mediação. Estes componentes possuem especificidades, não se confundem, no entanto, não podem ser compreendidos um sem o outro, uma vez que um é constituinte e constituído do outro.

Segundo Vigotski (2003) o significado de uma palavra é um fenômeno do pensamento verbal, o qual representa a união do pensamento e da palavra. O significado é componente indispensável da palavra, já que esta quando desprovida de um significado corresponde a um som vazio, o que nos aponta para a relação existente entre significado e palavra, pois o significado se constitui enquanto critério para a existência da palavra. No entanto, o significado de uma palavra representa também uma generalização ou um conceito, os quais representam atos de pensamento, indicando o fato de tratar-se também de um fenômeno do pensamento. Segundo o autor só é possível compreender esta relação se entendermos que se trata de “um fenômeno do pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento” (p.151).

Para Vigotski (2003) uma das grandes descobertas resultante de seus estudos é a de que, assim como a história da linguagem evoluiu, a estrutura do

significado e sua natureza psicológica também se modificam. “Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra” (p.152). Esta citação indica que os significados das palavras não são formações estáticas, mas sim formações que estão em movimento e que se transformam, conforme ocorrem o desenvolvimento humano e histórico. Afirmar que os significados das palavras se modificam implica em dizer que a relação entre o pensamento e a palavra também se modifica, compreendendo esta relação como um processo que possui “um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa” (p.156). O papel do significado da palavra no processo do pensamento é de extrema importância para compreender esta relação. As palavras não servem apenas para expressar o pensamento, mas é através delas que o pensamento passa a existir. Muitas transformações ocorrem no pensamento antes que este se transforme em fala, a qual representa não só um canal por onde o pensamento é expresso, mas representa também a realidade deste e sua forma. Portanto é preciso analisar as diferentes fases que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras.

Vigotski (2003) faz uma distinção entre os dois planos da fala, o aspecto interior e o exterior, pelo fato de apresentarem especificidades funcionais, embora considere que estes planos formam uma unidade complexa. Irei abordar o aspecto interior da fala que corresponde ao plano semântico e significativo. Compreender a natureza psicológica da fala interior é essencial para que se compreenda a relação entre o pensamento e a linguagem.

A fala interior tem uma função de fala que é totalmente independente, tem uma formação específica e leis próprias de funcionamento. Representa a fala para si, o que, segundo Vigotski (2003) significa dizer que “a fala interioriza-se em pensamento, ao contrário da fala exterior que expressa o pensamento em palavras, na sua materialização e objetificação” (p.163). No entanto, na fala interior não ocorre a vocalização, o que quer dizer que este plano da fala não se expressa por meio da fala exterior, a qual representa a fala para os outros. Sua principal característica consiste no fato de possuir uma sintaxe especial que apresenta uma tendência para a abreviação, omitindo o sujeito das frases e/ou das palavras que estejam

relacionadas a este sujeito. Isso só é possível porque quando estamos pensando temos conhecimento do sujeito e da situação na qual este se encontra.

Segundo Vigotski (2003), esta particularidade da fala interior permite reduzir ao mínimo a sintaxe e o som, fazendo com que exista o predomínio do sentido de uma palavra sobre o seu significado, entendendo sentido como “a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico” (p.181), uma vez que o sentido de uma palavra está relacionado ao contexto em que surgiu, podendo ser alterado em contextos diferentes. “O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa”, permanecendo “estável ao longo de todas as alterações do sentido” (p.181).

Através da atividade humana o homem transforma a natureza, constituindo os significados, produções históricas, culturais e sociais. Nas palavras de Aguiar e Ozella (2006), isso significa dizer que “a atividade humana é sempre significada: o homem, no agir humano, realiza uma atividade externa e uma interna, e ambas as situações operam com os significados” (p.226). Os significados são conteúdos mais estáveis, instituídos e compartilhados socialmente, ainda que se transformem com a história. Segundo os autores, neste processo de transformação “sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantém com o pensamento, entendido como um processo” (p.226). Tal categoria possibilita a comunicação e a sociabilização do que foi vivido, por ser configurada a partir apropriação que o sujeito faz, ou seja, a partir de sua própria subjetividade.

Deste mesmo modo os sentidos são atribuídos a partir da subjetividade, o que significa dizer que são constituídos na “articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente uma realidade” (Aguiar e Ozella, 2006, p.226-227). Segundo os autores a categoria sentido “refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade”. Afirmam que tal categoria destaca a singularidade historicamente construída e apresenta-se em “um plano que se aproxima mais da subjetividade, que com mais precisão expressa o sujeito, a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos” (p.227).

Estas categorias, constituídas pela unidade contraditória do simbólico (social) e do emocional (individual) não podem ser compreendidas isoladamente, pois uma se constitui a partir da outra. Segundo Aguiar e Ozella (2006) a linguagem tem papel central no processo de constituição do homem, já que o contato deste com o mundo externo se dá através dos signos – instrumentos convencionais de natureza social – e, assim, do homem com si mesmo e com a própria consciência, o que caracteriza o signo como constitutivo do pensamento.

A palavra, signo por excelência, representa o objeto na consciência. Podemos, deste modo afirmar que os signos representam uma forma privilegiada de apreensão do ser, pensar e agir do sujeito (p.226).

Sentido e palavra são relativamente independentes entre si, uma vez que as palavras podem mudar de sentido, assim como o sentido pode modificar as palavras. Para Vigotski (2003) estas relações precisam ser analisadas em seus contextos, já que “o sentido de uma palavra está relacionado com toda a palavra, e não com sons isolados” assim como “o sentido de uma frase está relacionado com toda a frase, e não com palavras isoladas” (p.182), o que significa que as palavras podem ser substituídas por outras sem que o seu sentido seja alterado, apontando para uma relação parcialmente independente entre a palavra e o sentido. O autor conclui esta idéia ao afirmar que “na fala interior, o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase constitui a regra” (p.182).

Os sentidos das palavras combinam-se e unificam-se de um modo muito particular na fala interior, em que uma única palavra está carregada de sentido, sendo necessário muitas outras palavras para expressá-la na fala exterior. A transposição da fala interior para a fala exterior constitui um processo dinâmico e complexo que, segundo Vigotski (2003) implica na “transformação da estrutura predicativa e idiomática da fala interior em fala sintaticamente articulada, inteligível para os outros” (p.184)

O pensamento representa um “plano ainda mais interiorizado do que a fala interior” (p.185). Para o autor o pensamento nasce através das palavras, porém seu fluxo “não é acompanhado por uma manifestação simultânea da fala” (p.185). Vigotski (2003) afirma que em todas as falas do sujeito há “algum tipo de subtexto, um pensamento oculto por trás delas”, já que “um pensamento não tem um equivalente imediato em palavras” (p.186). Estes dois processos não apresentam nenhuma correspondência rígida, cada qual tem uma estrutura própria e a transposição do pensamento para a fala é extremamente complexa, passando pelo significado e pelo sentido. Segundo Aguiar e Ozella (2006)

para que se possa compreender o pensamento, entendido aqui como sempre emocionado, temos que analisar seu processo, que se expressa na palavra com significado, e ao apreender o significado da palavra, vamos entendendo o movimento do pensamento (p.226).

Vigotski (2003) afirma que “o pensamento, ao contrário da fala, não consiste em unidades separadas” (p.186). Diversos elementos constituem um único pensamento que, para ser expresso, necessita de palavras separadas. Uma só palavra não é capaz de expressar todo um pensamento, ou seja, “um pensamento não tem equivalente imediato em palavras, a transposição do pensamento para a palavra passa pelo significado” (p.186). O pensamento está presente em sua totalidade e em um único momento na mente do sujeito, porém na fala precisa ser desenvolvido em uma seqüência.

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último ‘por que’ de nossa análise do pensamento. Uma expressão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva (p.187).

Não basta entender as palavras quando se deseja compreender a fala de um sujeito, é necessário que seu pensamento também seja compreendido, o que significa conhecer sua motivação, suas necessidades, seus interesses e os seus sentimentos.

Aguiar e Ozella (2006) nos apontam para o fato de que, partindo de um dos princípios do materialismo dialético, o da existência da unidade contraditória existente na relação simbólico-emocional, pode-se avançar na compreensão do sujeito e dos sentidos produzidos por ele ao considerar que “todas as expressões humanas são cognitivas e afetivas (p.227).

O pensamento, entendido como processo psicológico, possui um caráter cognitivo, ao mesmo tempo em que é subjetivo, o que significa dizer que passa pelas “significações e emoções que se articulam em sua expressão” (p.227). Desta forma, não é possível separar pensamento e afeto, uma vez que “o sentir sempre significa estar implicado em algo; a implicação vai, assim, ser vista como um fator constitutivo e inerente do atuar e do pensar”. Neste sentido, os afetos mobilizam mais ou menos o sujeito para a ação. Separar pensamento e afeto significaria, então, fechar “definitivamente o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, pois a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, que o orientam o seu movimento” (p.227).

Segundo González Rey (2005) um dos registros mais importantes da subjetividade humana são as emoções, as quais “estão estreitamente associadas às ações, por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de suas relações pessoais, entrando assim no cenário da cultura” (p.242). Isto quer dizer que é a condição do emocionar-se que define a disponibilidade do sujeito mobilizar-se subjetivamente para a ação. O autor afirma ainda que “o sentido subjetivo da emoção se manifesta pela relação de uma emoção com outras em espaços simbolicamente organizados, dentro dos quais as emoções transitam” (p.243) É da unidade entre o simbólico e o emocional que se define o sentido subjetivo. Segundo o autor, ao considerar as emoções em sua condição subjetiva é necessário explicar como o interno e o externo se articulam de modo a permitir o surgimento de tal

condição. Nas suas palavras, é preciso, pois, “explicar qual é a condição interna do sistema subjetivo que se faz sensível ao registro emocional dos eventos culturais e pessoais” (p.244).

A compreensão das necessidades e dos motivos é fundamental para que se conheça o sujeito e os sentidos produzidos por ele, uma vez que os sentidos não são apenas cognitivos, são também mediados pela emoção.

Necessidade, segundo González Rey (2005), é um sistema emocional em constante desenvolvimento, o qual é inseparável do conceito emoção, já que ao identificar uma emoção é possível identificar a necessidade sobre a qual se baseia tal emoção.

Aguiar e Ozella (2006) contribuem para esta reflexão ao definir necessidades como

um estado de carência do individuo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação, dependendo das suas condições de existência. Temos, assim, que as necessidades se constituem e se revelam a partir de um processo [resultado de um registro cognitivo e emocional] de configuração das relações sociais, processo este que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo” (p.228).

O processo do agir humano a partir das suas necessidades só se completará “quando o sujeito significar algo no mundo social como possível de satisfazer suas necessidades”. Este algo (objeto, pessoa, fato) será vivido como motivador/impulsionador do sujeito para a ação com a finalidade de satisfazer suas necessidades. “A possibilidade de realizar uma atividade, que vá na direção da satisfação das necessidades, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade”. Desta forma, “a necessidade não conhece seu objeto de satisfação, ela completa sua função quando o ‘descobre’ na

realidade social” – movimento definido como a configuração das necessidades em motivos (Aguar e Ozella, 2006, p. 228).

Os motivos, por sua vez, só se constituem enquanto tal no encontro com o sujeito, pois é ele que o configura como possível de satisfazer suas necessidades. Então, nos aproximamos do processo de constituição dos sentidos e de uma possível apreensão dos mesmos.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como referência a epistemologia qualitativa proposta por Fernando González Rey (1999) a qual se apresenta como uma forma de pensar as exigências epistemológicas que acompanham o estudo da subjetividade como nível constitutivo do indivíduo e das diferentes formas de organização social. Assim, a epistemologia qualitativa representa um esforço na busca de diferentes formas de produzir conhecimento em Psicologia que permitam a criação teórica sobre a realidade multi-determinada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, a qual representa a subjetividade humana.

A epistemologia qualitativa representa uma forma de construir conhecimento, esclarecendo, compreendendo e interpretando o fenômeno estudado, ou seja, a complexidade humana. Deste modo, a escolha do método qualitativo é uma opção epistemológica, ideológica e teórica. Não se limita a escolha do instrumento, mas diz do modo de trabalhar com os dados, ou seja, da forma de produzir conhecimento.

A produção de conhecimento é um processo construtivo e interpretativo, interativo e singular. Segundo González Rey (1999) o caráter interpretativo do conhecimento surge pela necessidade de dar sentido às expressões do sujeito estudado, caracterizando-se por um processo no qual o pesquisador integra, reconstrói e agrupa diversos indicadores produzidos durante a investigação, os quais não teriam nenhum sentido se fossem tomados de forma generalizada, como constatações empíricas. Para o autor a interpretação representa “um processo diferenciado que dá sentido a diferentes manifestações concretas do fenômeno estudado e as convertem em momentos particulares do processo mais geral

orientado à construção teórica do sujeito, seja na sua condição de sujeito social ou de sujeito individual” (p.38); é um processo que se realiza através da unicidade e complexidade do sujeito estudado.

A teoria é o instrumento do investigador em todo o processo interpretativo, não como um conjunto de categorias a priori capaz de dar conta dos processos únicos e imprevistos que surgem na investigação, mas sim uma referência que media o desenvolvimento das construções teóricas do pesquisador sobre o objeto, “é um momento de sentido no processo de produção teórica e não um esquema geral a que se deve subordinar o processo” (p.38). As construções teóricas se convertem em recursos indispensáveis para entrar nas zonas de sentido do fenômeno estudado, as quais estão ocultas na aparência. O investigador, assim como o investigado, possuem papel ativo como produtores de conhecimento, o que significa dizer que toda interpretação é uma construção.

O caráter interativo representa uma dimensão essencial no processo de produção de conhecimento, é um elemento constitutivo deste processo. O princípio interativo proporciona um valor especial aos diálogos que se constituem e se desenvolvem no processo de produção de conhecimento, no qual os sujeitos implicam-se emocionalmente e através da reflexão, produzem informações de grande significação para a pesquisa.

As peculiaridades de cada participante são características fundamentais da pesquisa qualitativa, uma vez que o sujeito é entendido como único e sua singularidade representa um “momento diferenciado e subjetivado que surge como individualidade na condição do sujeito” (González Rey, 1999, p. 40). O contexto da entrevista possibilita uma troca simbólica, fundamental para que as experiências vividas e imaginadas pelo sujeito se confrontem com os significados compartilhados. Deste modo, na perspectiva qualitativa, o conhecimento científico não se legitima pela quantidade de sujeitos estudados, mas pela qualidade de sua expressão, o que quer dizer que o número de sujeitos responde a um critério qualitativo, definido essencialmente pelas necessidades do processo de conhecimento que surgem no desenvolvimento da pesquisa. “A informação expressa por um sujeito pode se converter em um momento significativo na produção do conhecimento, sem que tenha necessariamente que se repetir em outros sujeitos” (p.41).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O número de sujeitos utilizado na pesquisa depende dos objetivos e do desenvolvimento da mesma, uma vez que o pesquisador está interessado na qualidade do material que possibilita a compreensão do fenômeno que está sendo estudado. Esta perspectiva nos indica que uma pesquisa pode ser realizada com apenas um sujeito, entendendo este como um momento significativo na produção do conhecimento (Ozella, 2003).

O sujeito da pesquisa é Sr. O., um homem de 53 anos que trabalha como gari há aproximadamente 15 anos. O contato com o sujeito foi realizado através da ONG Educa São Paulo, instituição que criou a primeira Biblioteca do Gari, com o intuito de oferecer aos trabalhadores a oportunidade de conhecer um rico acervo da literatura brasileira e ainda estar a par de informações do dia-a-dia. A ONG Educa São Paulo, ao se deparar com a realidade de que a maioria dos garis não sabem ler, criou uma parceria com o Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP, com o objetivo de oferecer estudo aos garis, os quais, atualmente, têm a disposição um programa de alfabetização e outro de ensino fundamental. Sr. O. frequenta as aulas que são oferecidas no período da tarde. A entrevista foi realizada na própria ONG e, antes de ser iniciada foi esclarecido ao sujeito os objetivos da pesquisa e os procedimentos da entrevista. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), a pesquisadora iniciou a entrevista.

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista, instrumento que possibilita o acesso aos processos psíquicos, como os sentidos e os significados presentes no discurso do sujeito. Segundo Aguiar e Ozella (2006) algumas características deste instrumento, que o tornam importante na apreensão dos sentidos e significados que se pretende compreender consistem em entrevistas suficientemente amplas e recorrentes, o que significa que o informante deve ser consultado pelo pesquisador, a fim de eliminar qualquer dúvida ou aprofundar alguma questão que ele sinta como necessária, permitindo, segundo os autores, “uma quase análise conjunta do processo utilizado pelo sujeito para a produção de sentidos e significados” (p.229).

A entrevista realizada foi gravada e transcrita (Anexo II), para que o pesquisador possa reler o material e, assim, ir se familiarizando e, aos poucos, se apropriar do mesmo. Desta primeira leitura foram destacados os pré-indicadores (Capítulo 4 - Quadro 1, p.41), ou seja, os temas mais freqüentes que darão construção aos núcleos de significação. Ainda segundo estes autores, parte-se das “palavras inseridas no contexto que lhes atribui significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico-sociais que o constituem” (p.229-230). Diversos temas surgirão caracterizados, por exemplo, por uma maior frequência, pela importância dada pelo sujeito, pela carga emocional, ambivalência ou contradição.

A etapa seguinte consiste no processo de aglutinação dos pré-indicadores, que, segundo os autores, permite agrupá-los por características de similaridade, complementaridade ou contraposição, com a finalidade de obter uma menor diversidade. Deste processo resulta o estabelecimento dos indicadores e sua relação com os conteúdos temáticos, conseqüentemente, com a totalidade das expressões do sujeito (Capítulo 4 - Quadro 2, p.42). O fim desta etapa é marcado pelo momento em que o pesquisador retorna ao material das entrevistas e seleciona os trechos que ilustram e esclarecem os indicadores.

Com o material produzido, parte-se para a organização dos núcleos de significação (Capítulo 4 - Quadro 3, p.43), através dos quais é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem na construção dos sentidos e significados. Deste modo parte-se para a análise, avançando do empírico para o interpretativo, ou seja, da fala para o sentido, considerando as condições subjetivas, contextuais e históricas. (Aguiar e Ozella, 2006)

A análise dos núcleos parte de um processo intra-núcleo para uma articulação inter-núcleos, procedimento que aponta as contradições e/ou semelhanças que permitem revelar o movimento do sujeito. Segundo os autores “o processo de análise não deve ser restrito à fala do informante, ela deve ser articulada com o contexto social, político e econômico, em síntese, histórico que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade” (p.13). Isso significa que tal procedimento parte da fala exterior para um plano mais interiorizado, ou seja, para o próprio pensamento.

CAPITULO 4 - DIMENSÃO SUBJETIVA: ASPECTOS SOCIAIS E PESSOAIS
MEDIADOS PELA AFETIVIDADE

ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL

LISTA PRÉ-INDICADORES

- 1) estudo como benefício
- 2) estudo como uma atividade transformadora
- 3) prazer em estudar
- 4) preocupação em conciliar trabalho e estudo
- 5) disposição para o trabalho como sinal de saúde
- 6) busca por uma vida com condições melhores
- 7) desejo por um trabalho que possibilite uma vida mais digna
- 8) trabalho x liberdade
- 9) trabalho como segurança financeira
- 10) falta de trabalho = preocupação
- 11) trabalho em equipe
- 12) coleta e varrição: conhecimentos específicos de uma atividade que exige prática, atenção e controle
- 13) controle como condição para a realização do trabalho
- 14) trabalho fiscalizado
- 15) controle interno (equipe) x controle externo (fiscal)
- 16) necessidade de um trabalho sem interrupção
- 17) pausa no trabalho = multa
- 18) controle como forma de evitar punição
- 19) pedidos para usar o banheiro são negados
- 20) implorar pelo uso do banheiro
- 21) uniforme: visibilidade x controle
- 22) uniforme como identificação
- 23) uniforme indica a condição de trabalhador
- 24) aspectos positivos do trabalho
- 25) trabalho como uma atividade prazerosa
- 26) importância do trabalho = estabilidade
- 27) exclusão e indiferença ao gari
- 28) orgulho pelo elogio dos outros
- 29) vergonha pelo trabalho de gari
- 30) vergonha de varrer e trabalhar em público
- 31) trabalho que exige submeter-se as condições da tarefa
- 32) trabalho não valorizado socialmente
- 33) condições injustas de trabalho
- 34) desrespeito
- 35) desmerecimento da sociedade pelo trabalho realizado
- 36) preconceito em relação a profissão
- 37) orgulho pela condição de trabalhador
- 38) estudo como condição para um bom emprego
- 39) trabalho do gari é para quem não escolhe serviço

QUADRO 2

PRÉ - INDICADORES	INDICADORES
1) estudo como benefício; 2) estudo como uma atividade transformadora; 3) prazer em estudar; 4) preocupação em conciliar trabalho e estudo	1) Estudo qualificado como uma atividade positiva
5) disposição para o trabalho como sinal de saúde; 9) trabalho como segurança financeira; 10) falta de trabalho = preocupação; 26) importância do trabalho = estabilidade	2) Trabalho e saúde
6) busca por uma vida com condições melhores; 7) desejo por um trabalho que possibilite uma vida mais digna; 8) trabalho x liberdade	3) Perspectivas de futuro
11) trabalho em equipe; 13) controle como condição para a realização do trabalho; 14) trabalho fiscalizado; 15) controle interno (equipe) x controle externo (fiscal); 16) necessidade de um trabalho sem interrupção; 17) pausa no trabalho = multa; 18) controle como forma de evitar punição; 19) pedidos para usar o banheiro são negados; 20) implorar pelo uso do banheiro	4) Controle e discriminação
12) coleta e varreção: conhecimentos específicos de uma atividade que exige prática, atenção e controle; 24) aspectos positivos do trabalho; 25) trabalho como uma atividade prazerosa; 28) orgulho pelo elogio dos outros; 37) orgulho pela condição de trabalhador	5) Valorização da atividade exercida
21) uniforme: visibilidade x controle; 22) uniforme como identificação; 23) uniforme indica a condição de trabalhador	6) Reconhecimento do trabalhador: controle ou identificação?
27) exclusão e indiferença ao gari; 32) trabalho não valorizado socialmente; 34) desrespeito; 35) desmerecimento da sociedade pelo trabalho realizado; 36) preconceito em relação a profissão	7) Desvalorização do trabalho e os sentimentos gerados durante a prática
29) vergonha pelo trabalho de gari; 30) vergonha de varrer e trabalhar em público; 31) trabalho que exige submeter-se as condições da tarefa; 33) condições injustas de trabalho	8) Vergonha pelas condições de trabalho e pelo serviço prestado
38) estudo como condição para um bom emprego; 39) trabalho do gari é para quem não escolhe serviço	9) Qualificação do trabalho pela escola

QUADRO 3

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
1) Estudo qualificado como uma atividade positiva 9) Qualificação do trabalho pela escola 3) Perspectivas de futuro	A escola aprimorando a qualificação do trabalho.
2) Trabalho e saúde 3) Perspectivas de futuro 4) Controle e discriminação 6) Reconhecimento do trabalhador: controle ou identificação? 7) Desvalorização do trabalho e os sentimentos gerados durante a prática	Trabalho dando visibilidade ou controlando?
5) Valorização da atividade exercida	A constituição subjetiva entendida como necessidade social, singular e afetiva.
7) Desvalorização do trabalho e os sentimentos gerados durante a prática	
8) Vergonha pelas condições de trabalho e pelo serviço prestado	

ANÁLISE DO MATERIAL

Com a finalidade de apreender os sentidos produzidos pelo sujeito, a análise do discurso está pautada em uma “visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas a clareza de que é necessário irmos para além das aparências, não nos contentarmos com a descrição dos fatos, mas buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo no seu processo histórico” (Aguiar e Ozella, 2006, p.224). Desta forma é imprescindível compreender o homem como um ser constituído a partir da relação dialética que estabelece com o social e com a história, ao mesmo tempo em que é um sujeito único e singular. Nas palavras dos autores citados acima, isso significa dizer que

esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos (p.224).

No entanto, como nos aponta Aguiar e Ozella (2006), é importante atentar para o fato de que

a apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele (p. 228).

Desta forma, pode-se afirmar que aqui está posta a tarefa do psicólogo: “apreender as mediações sociais constitutivas do sujeito, saindo assim da aparência,

do imediato, e indo em busca do processo, do não dito, do sentido” (Aguiar e Ozella, 2006, p.225). Em outras palavras, busca-se apreender a gênese social do individual, ou seja, compreender como o contexto histórico e social constituiu a história individual do sujeito. Neste sentido, a categoria mediação permite que um processo, que antes era visto em uma relação direta, seja agora pensado a partir dos elementos e processos antes ausentes. Os elementos passam a ser entendidos como constituintes um do outro, a partir da relação dialética que estabelecem.

NÚCLEO 1 – A escola aprimorando a qualificação do trabalho.

O acesso à educação é um direito de todo cidadão. O papel da educação é acolher o indivíduo na sociedade, transmitir conhecimentos e valores e, desta forma, possibilitar o contato com a história e com a cultura, assim como compreender o homem como um ser em desenvolvimento, que é, ao mesmo tempo, igual e diferente do outro. Igual pois todos são sujeitos de direitos, e diferente pois cada um apreende o mundo de uma forma única e singular².

Na nossa sociedade freqüentar a escola é condição para uma vida bem sucedida no trabalho, significado que está presente no discurso do Sr. O., um sujeito de 53 anos que acredita que os estudos trazem benefícios à saúde do sujeito, assim como qualifica o trabalho. *“O estudo tá sendo bom pra mim, né (...) eu já achei uma diferença boa depois que eu to estudando”*. Ele freqüenta duas escolas, uma no período da tarde e outra à noite.

Em seu discurso é possível notar que há uma valorização da escola, instituição que é significada como imprescindível para as conquistas profissionais e pessoais. Para Sr. O. o trabalho sempre está vinculado à escola, seja na possibilidade de ingressar no mercado de trabalho quanto na sua realização. Ele

² Anotações de aula referentes ao Curso: Desafios para a constituição subjetiva: a conquista do eu e do mundo do Núcleo 3.03 - Intervenções Clínico-Educacionais junto à criança e ao adolescente: constituição da subjetividade e cidadania, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP (2008).

afirma que optou por trabalhar no período da manhã para que pudesse frequentar a escola nos outros períodos – *“Eu não entrei a tarde por causa do estudo mesmo, né. Quando eu entrei lá era para mim pode trabalhar no estudo, pra mim trabalhar a noite, tinha de perder o estudo”*. Nesta fala é possível observar o esforço que está posto na atividade de estudar, uma vez que ele traz a dimensão do trabalho para o estudo. “Trabalhar no estudo” nos indica que frequentar a escola implica em responsabilidade, assiduidade e dedicação. Através desta comparação podemos também pensar como a relação escola-trabalho é significada pelo sujeito. Sendo o trabalho o que materialmente possibilita sua sobrevivência colocar a educação neste mesmo lugar nos leva a refletir sobre o sentido que é atribuído pelo sujeito à escola.

Para pensar como se dá o processo de constituição deste sentido, recorri aos autores Aguiar e Ozella (2006) que afirmam que a categoria sentido “refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade” (p.227). Assim é possível afirmar que o trabalho é, para Sr. O., o que se apresenta enquanto necessidade, uma vez que esta atividade o coloca na posição de sujeito ativo e também permite a ele estar no mundo, já que é através da venda da sua mão de obra que ele garante sua subsistência. No entanto, como afirmam os autores citados acima, ainda que a necessidade não tenha se concretizado, ou seja, ainda que Sr. O. não tenha alcançado esta conquista desejada de sujeito ativo e não sujeitado às escolhas que lhes são dadas, há um contínuo movimento que o coloca na atividade e que faz afirmar e re-afirmar o sentido por ele construído, o qual está diretamente relacionado à constituição da sua subjetividade.

Embora Sr. O. afirme gostar e estar satisfeito com o seu trabalho, procurando qualificar sua profissão em diversos momentos da entrevista, ele revela que uma pessoa que tenha um bom estudo não irá procurar trabalhar como gari, *“se o cara tem um estudo bom, vai querer trabalhar numa loja, quer um trabalho de porteiro, vai querer trabalhar assim, num serviço assim”*. Esta é uma contradição muito presente em seu discurso, que aponta de um lado para uma conformação às suas possibilidades de trabalho, ao mesmo tempo em que é possível observar uma constante busca pela valorização de sua atividade, movimento este entendido como essencial para sua subjetividade.

Entendendo que a realização profissional se constitui enquanto necessidade, podemos pensar que a conquista de um bom estudo é o que irá satisfazer esta necessidade, motivo pelo qual o sujeito se impulsiona para a ação. Desta forma, podemos afirmar que é com vistas a esta satisfação que o sujeito busca a concretização do sonho por um emprego que lhe traga melhores condições de vida, menos exposição e mais reconhecimento. O estudo representa, desta forma, a possibilidade de superar as adversidades que se apresentam na realidade social do sujeito.

Em seu discurso o sujeito relaciona a falta de estudos a uma baixa gama de possibilidades de trabalho, embora seja possível notar que há uma necessidade em afirmar constantemente ser este o melhor serviço para ele, ainda que o sujeito não tenha uma liberdade de escolha em relação a sua carreira profissional, o que significa dizer que as possibilidades de emprego são dadas a partir de suas condições sociais e econômicas e não em função do seu desejo. Ao dizer que aqueles que procuram a profissão de gari são “pessoas que não é de escolher serviço”, o sujeito nos indica a necessidade de se conformar com as condições de trabalho que estão colocadas e traz, ainda, a dimensão da não possibilidade de escolha profissional para parte da população. É interessante que, ainda assim, Sr. O. afirma que, no seu caso, foi sua a opção por esta profissão, e procura justificar sua própria escolha ao buscar afirmar à entrevistadora que sua profissão é para ele, tão digna quanto as demais, trazendo neste momento, a moralidade do trabalhador como aspecto valorizado por ele. O sujeito constrói um sentido que o coloca como ativo e não como um ser sujeitado à escolha feita, trazendo a dimensão de que é ele quem guia a sua vida e de que é um sujeito de escolhas, quando na verdade sua inserção no sistema sócio-político-econômico se dá a partir de uma adequação para que, então, possa se sentir pertencente a sociedade em que vive.

Este sentido atribuído pelo sujeito aos estudos como condição para garantia de sucesso profissional é um discurso historicamente produzido pela sociedade capitalista, o qual é incorporado por Sr. O em sua fala. Vigotski (2003, p. 181) ao escrever sobre o processo pelo qual ocorre a construção de sentido afirma que “uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge, em contextos diferentes, altera o seu sentido”, indicando que o sentido é quase ilimitado, na medida em que é

uma categoria móvel e variável que se transforma de acordo com o ambiente e com as situações vivenciadas por um determinado sujeito. Assim, pode-se afirmar que o sujeito compartilha sentidos e significados gerados dentro dos espaços sociais que convive, os quais passam a ser elementos constitutivos da sua subjetividade.

A frequência à escola faz com que Sr. O. se perceba como um sujeito ativo e, assim, a possibilidade de transformação de sua vida está posta. Porém está é exatamente a ideologia vendida pelo sistema: o trabalho como condição para a transformação da sua realidade, lembrando que a conquista profissional se dará a partir dos conhecimentos adquiridos na escola. No entanto, sabemos que a possibilidade de ascensão social na sociedade capitalista não é possível, uma vez que a manutenção do sistema se dá a partir da desigualdade de classes e da exploração da mão de obra de parte da população, a qual vende sua força de trabalho em troca de um salário, que como sabemos é insuficiente para sobrevivência de grande parte da população.

O ingresso na escola foi se constituindo como uma necessidade à medida que o sujeito, na sua história, vai em busca de um salário fixo em troca de trabalhos temporários. Segundo Sr. O. sua maior preocupação é a de ter um emprego que traga a ele um salário, ainda que este não seja suficiente, pois como dito anteriormente é o que materialmente possibilita sua sobrevivência. Assim, podemos afirmar que a conquista pelo emprego de gari está diretamente ligada ao sentido atribuído pelo sujeito à escola, uma vez que esta conquista se deu após Sr. O. ter iniciado seus estudos. A partir de então, ocorre uma transformação do que se constitui enquanto necessidade, uma vez que agora é a permanência do emprego com carteira assinada e a busca por completar os anos necessários para sua aposentadoria o que se apresenta enquanto necessidade, a qual encontra no trabalho cotidiano do sujeito sua fonte de satisfação, movendo-o para a ação.

NÚCLEO 2 – Trabalho dando visibilidade ou controlando?

O controle é um aspecto que se mostrou muito presente no discurso do sujeito ao relatar suas vivências de trabalho. Trabalhar controlado requer uma integração da equipe, aspecto que poderia ser avaliado como positivo, mas que tem a função de evitar punições aos trabalhadores de uma mesma equipe, uma vez que tais punições são revertidas em multas aplicadas por fiscais da prefeitura, que, ao longo do dia, circulam pelas ruas observando o trabalho que está sendo realizado pelos garis. Estas multas se constituem enquanto ameaça a permanência do sujeito no seu emprego. A equipe, desta forma, passa a ser um controlador interno, uma vez que os próprios trabalhadores fiscalizam o serviço do outro para que evitem possíveis multas para o grupo. Ocorre, então, a interiorização do controle, ou seja, o sujeito adere as metas de trabalho (produtividade e qualidade) propostas pela empresa e se auto-regula segundo tais normas que são exteriores, mas que se encontram disfarçadas de próprias. Desta forma, a tendência é que a figura do fiscal passe cada vez mais a ser desnecessária, uma vez que sua função está sendo incorporada no próprio trabalhador. Estes são claramente os objetivos de uma empresa capitalista, a qual procura dar cada vez mais autonomia ao sujeito, tornando-o capaz de realizar suas tarefas sem a presença de um chefe, ao mesmo tempo em que visa ter funcionários que vistam a camisa da empresa, trabalhando de acordo com os seus princípios e objetivos. Isso quer dizer que o funcionário cumpre com as metas da empresa incorporando-as como se fossem suas.

Podemos pensar também que a apropriação destes sentidos ocorre, pois, como nos aponta González Rey (2005), “a ação dos sujeitos implicados em um espaço social compartilha elementos de sentidos e significados gerados dentro desses espaços, os quais passam a ser elementos da subjetividade individual” (p. 207), o que nos aponta para a importância de considerar os fatos históricos e sociais, os significados que são produzidos nos diferentes contextos, a relação do sujeito com o mundo social, assim como a compreensão da unidade necessidade/motivo, para que se avance na apreensão da subjetividade do sujeito, ou seja, para que se torne possível compreender os modos de pensar, sentir e agir do Sr. O.

A construção deste modelo de funcionário padrão foi produzida histórica e socialmente e é incorporada pelo sujeito que, em seu discurso, nos aponta para os benefícios de um trabalho controlado (Vigotsky, 2003). Segundo Sr. O é o controle que possibilita um trabalho integrado e qualificado, ainda que para isso tenha que ter uma alta produtividade e renunciar às horas de descanso. Abaixo estão algumas falas do sujeito que apontam para a internalização do controle.

“Sombra [fiscal] é o que a gente fala é, sempre tem. Vamos supor, às vezes a gente não vê eles, tá trabalhando, pa pa pa, se a gente der uma falha de estar muito parado (...) ai eles metem a caneta, metem a caneta.”

“Se tiver dez minuto parado, se você tiver dez parado eles marca vinte ali na prancheta. Ai marcou vinte, quem vai se ferrar, não é o fiscal não, é a gente que é o trabalhador. Então a gente tem que andar (...) tem que estar muito atento, cuidado com muita parada. Eu fui fazer um xixi no banheiro lá, né, mas ali se você entrou de pressa não marca nada, mas se fica dez, vinte muito lá pra dentro, é anotado.”

Outro elemento presente em seu discurso que aponta para a relação de controle é o uniforme do gari, o qual, ao mesmo tempo que o identifica, constitui-se como mais uma forma de controle, já que os fiscais podem ver de longe se o trabalho está sendo realizado e avaliar a qualidade do serviço prestado. Ainda que o uniforme carregue em si a forma de controle na qual o trabalhador está submetido, o uniforme é qualificado pelo sujeito como positivo, por ser uma identificação e, ao mesmo tempo, uma garantia da condição de trabalhador; *“com uniforme se sente feliz, feliz por estar trabalhando, feliz pela condição de trabalhador”*. Esta afirmação nos coloca novamente diante da ambiguidade trazida pelo sujeito no que se refere à busca pela identidade de trabalhador *versus* o controle como condição para esta conquista subjetiva. O próprio sujeito em seu discurso traz esta contradição ao dizer que o uniforme por ele utilizado no trabalho *“é uma garantia e ao mesmo tempo não é, não é bom a gente ser muito assim aprovado, assim, demonstra que é varredor, é muita visagem, né, da roupa ali, a gente tá trabalhando...”*. Novamente podemos

analisar esta construção de sentido atribuído ao uniforme do gari através das necessidades e motivos que levam o sujeito à ação. Aguiar e Ozella (2006), como já assinalado em capítulos anteriores, nos apontam para o fato de que não é possível separar pensamento e afeto, uma vez que “o sentir sempre significa estar implicado em algo, a implicação vai assim ser vista como um fator constitutivo e inerente do atuar e pensar” (p.227), o que nos traz a dimensão da importância da compreensão de necessidades e motivos, a qual se apresenta como fundamental para que se conheça o sujeito e os sentidos produzidos por ele.

Assim, ao refletir sobre uma busca por uma visibilidade que só ocorre através do olhar do outro, penso que o sujeito ao ser controlado, está de certa forma visível, pois há um outro sujeito que olha por ele. Porém, seria esta a única possibilidade de visibilidade?

O conceito necessidade apresenta-se como um elemento importante para uma melhor compreensão dos processos de constituição dos sentidos. Necessidade, portanto, deve ser entendida como um “estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação”, estado este que se constitui a partir de um processo que representa o resultado de um registro cognitivo e emocional e que é, ao mesmo tempo, único e singular, subjetivo e histórico (Aguiar e Ozella, 2006, p.227). Desta forma, a visibilidade do sujeito apresenta-se como uma necessidade que busca, através de sua atividade no mundo concretizar-se através das relações sociais que se configuram nos espaços sociais que o sujeito transita, ainda que para isso Sr. O. precise estar vestido com seu uniforme de trabalho e submetido às mais diversas condições que levam a sentimentos de desrepeito e preconceito. Tais sentimentos movem o sujeito a buscar uma valorização da sua prática, aspecto indispensável para sua constituição subjetiva. Segundo os autores, este movimento se dá, pois “a possibilidade de realizar uma atividade que vá na direção da satisfação das necessidades, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade”. Afirmam ainda que “a necessidade não conhece seu objeto de satisfação, ela completa sua função quando o ‘descobre’ na realidade social” (p.228), movimento definido pelos autores como a configuração das necessidades e motivos. Os motivos, por sua vez, só se constituem enquanto tal no encontro com o sujeito, pois é ele que o configura como

possível de satisfazer suas necessidades. Então, nos aproximamos do processo de constituição dos sentidos e de uma possível apreensão dos mesmos. Nas palavras dos autores isto significa que

ao se apreender o processo por meio do qual os motivos se configuram, avança-se na apropriação do processo de constituição dos sentidos, definidos como a melhor síntese do racional e do emocional. Aproximamo-nos, desta forma, do processo gerador da atividade, ao mesmo tempo gerado por ela. Apreendemos o que é a atividade para o sujeito, e, assim, algumas zonas de sentidos da atividade, claro que atravessadas pelos significados, mas no caso, revelando uma forma singular de vivê-las e articulá-las (p.228).

A visibilidade é uma condição do trabalho do gari que está dada na prática, uma vez que o sujeito está exercendo sua atividade na rua e, desta forma, exposto a todos aqueles que transitam naquela determinada região. No entanto esta condição de visibilidade se apresenta, ao mesmo tempo, como uma invisibilidade, uma vez que há uma desvalorização do trabalho do gari pela sociedade.

Segundo Sr. O. sua profissão não é bem vista pela sociedade, por ser um trabalho que coloca o sujeito frente a situações de extrema exposição e diante de um contato com o lixo produzido pela população. A não valorização social do seu trabalho gera no sujeito sentimentos de exclusão e indiferença frente ao lugar social que Sr. O. ocupa quando diante de vivências que são por ele significadas como desrespeito e preconceito à profissão de gari.

Assim, o uso diário do uniforme de gari faz reviver o sentido contraditório que nele está colocado, ou seja, o uniforme como um aspecto identificatório que carrega a conquista da condição de trabalhador, ao mesmo tempo em que traz toda a indiferença e não reconhecimento do seu trabalho, aspecto que enfatizarei mais detalhadamente no próximo Núcleo.

**NÚCLEO 3 – A constituição subjetiva entendida como necessidade social,
singular e afetiva.**

A condição de trabalhador é significada como conquista e motivo para se orgulhar. Segundo Sr. O. *“a maior moral da pessoa é tomar o nome de trabalhador”*. No entanto, ser trabalhador no caso do Sr. O. implica sentir vergonha, tanto pelas condições de trabalho quanto pelo tipo de serviço que é prestado. Um trabalho que, segundo ele, não é valorizado pela sociedade – *“é um serviço que tem muita gente que não dá valor”*. Esta contradição nos leva a reflexão dos sentidos produzidos pelo sujeito em relação a identidade trabalhador e ao lugar subjetivo que ele ocupa nesta posição.

Para a Psicologia Sócio-Histórica a contradição é o movimento fundamental para apreensão da construção de sentidos, uma vez que nela está contida todo este processo que envolve as necessidades e motivos, os sentidos e significados e a ação do sujeito. Para Sr. O. o desejo de se afirmar enquanto sujeito apresenta-se como necessidade, que vislumbra a possibilidade de satisfação de tal conquista, impulsionando o sujeito a agir. Contudo, para compreender este movimento, é necessário, ainda, apreender as determinações históricas e sociais que determinam a ação do sujeito no mundo social, ou seja, é preciso entender que neste movimento o significado historicamente e socialmente construído do trabalhador o coloca em um lugar social de aparente visibilidade, aspecto essencial que constitui os motivos que movem o sujeito a agir, os quais se constituem no encontro do sujeito com os espaços sociais em que transita e, através dos quais os configura como possíveis de satisfazer suas necessidades.

Segundo Zaluar (2002) a ética do trabalho é a fonte de satisfação material e moral do trabalhador. Ética que coloca o sujeito na condição de provedor de sua família e que o faz sentir-se como moralmente superior àqueles que não possuem a mesma identidade de trabalhador, o que aponta para uma concepção historicamente construída que afirma que o trabalho dignifica o homem. Neste sentido, o trabalho é para Sr. O. o que o constitui enquanto sujeito, dando-lhe um lugar no mundo e

colocando-o na posição de transformador da própria realidade por realizar uma atividade que é produzida socialmente.

Nardi (2006) nos aponta para o fato de que

A análise do código moral associado ao trabalho se caracteriza por um aparente paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que o código se associa à dominação, ele também funciona como dispositivo identificatório e, portanto, como elemento de reconhecimento social (...) A identificação com o código moral de cada sociedade faz parte das etapas de socialização que o sujeito atravessa, fazendo com que, na ausência de uma crítica consistente do regime de verdades predominante, o reconhecimento social da condição de trabalhador seja dependente da conformidade dos valores pessoais com os valores que compõe o código moral associado ao trabalho (p.43-44).

O autor afirma ainda que

o conceito de ética do trabalho deve ser entendido muito mais do ponto de vista do dever, da obrigação, de normas de conduta que funcionam como um código moral. Ou seja, como um conjunto de saberes instrumentalizado na forma de uma moral do trabalho que adquiriu a legitimidade de uma verdade que define a forma como os trabalhadores devem conduzir suas vidas (p.43).

Estas afirmações nos indicam que a concepção do trabalho tal como é significada por Sr. O é uma produção histórica, a qual atende às necessidades do sistema capitalista. Ainda que ele esteja submetido à dinâmicas de dominação e à condições precárias de trabalho, Sr. O valoriza sua atividade, buscando desta forma estar inserido no sistema, ao mesmo tempo em que tal identificação possibilita a

constituição da sua subjetividade, ou seja, a significação do seu lugar de sujeito no mundo.

Dentre os princípios da ética do trabalho propostos por Nardi (2006), ressalto três que se encontram presentes no discurso do sujeito;

- Capacidade e desejo de postergar prazeres imediatos com o objetivo de acumular virtudes e dinheiro (gratificação adiada);
- Aceitação e concordância de uma obrigação moral em trabalhar diligentemente e disciplinadamente independente de quão duro ou penoso seja este trabalho;
- A importância do trabalho, na vida como um todo, como uma fonte de significado e de valorização pessoal (centralidade do trabalho).

Nardi (2006) nos aponta para a importância de compreender a relação estabelecida entre a ética do trabalho e as transformações do capitalismo, ou seja, compreender “um conjunto de regras que baliza os comportamentos e que guia os processos de subjetivação” (p.45). O autor, ao citar Anselm nos traz uma reflexão importante;

o trabalho deve ser pensado a partir da dupla contradição que lhe é inerente. Por um lado, podemos compreender o trabalho na sua função estruturante para os indivíduos (através de um processo de identificação, como ‘realização da essência do homem), assim como para a sociedade (divisão social do trabalho e coesão social), assumindo, portanto, um caráter integrador. No plano concreto, entretanto, o trabalho também foi e é vivido, por uma grande parte dos trabalhadores, como exploração, dominação, conduzindo à perda do controle da própria vida e à alienação na sua forma mais brutal. (Anselm apud Nardi, 2006, p.51)

O autor traz a idéia que que o trabalho possui uma dupla função, uma vez que se constitui como parte integrante da subjetividade do sujeito, ao mesmo tempo

em que se coloca como norma e padrão disciplinatório, aspecto que, na sua essência, se apresenta através das formas de dominação e exploração vivenciadas pelos trabalhadores. Este é exatamente a contradição presente no discurso do sujeito.

Ao longo da entrevista Sr. O. relatou diversos sentimentos por ele significados como desrespeito e preconceito, os quais são gerados durante a sua prática profissional. Em seu discurso estes sentimentos eram seguidos de uma busca pela valorização do seu trabalho, o que nos aponta para a necessidade de superação das adversidades encontradas em seu cotidiano profissional através da consolidação da subjetividade de trabalhador.

Para melhor compreender como ocorre a construção dos sentidos atribuídos pelo sujeito a tais sentimentos, apresentarei alguns episódios relatados por Sr. O. ao longo da entrevista. Abaixo uma fala do sujeito que apresenta um destes episódios recorrentes vivenciado em seu dia-a-dia, o qual é por ele significado como desrespeito.

“Quando eu tô trabalhando num serviço assim que a pessoa passa e às vez ta aquele monte de lixo já junto e a pessoa vem passando e (...) ali mesmo onde ele passa, ele vem e chuta o lixo (...) Então desrespeitou o varredor nessa parte. O cara que ta passando na rua, não está respeitando, ele não respeita” –

Quando peço para Sr. O. me contar alguma outra situação de desrespeito vivida por ele ao longo dos 15 anos que trabalha como gari, ele me diz *“Ai... isso ai passa tanta coisa pra cabeça que a gente nem lembra mais”*. A resposta do sujeito me leva a refletir que talvez seja mais fácil ter a possibilidade de apagar da memória vivências desagradáveis para que seu cotidiano se torne mais ameno, não sendo necessário, assim, enfrentar o desrespeito sentido pelo sujeito. O que se apresenta é que o sujeito busca, em sua prática, superar as adversidades de seu contexto social, mascarando por vezes o lugar social em que se encontra, o lugar de um

sujeito que está “à margem da sociedade”. Retomando o que já foi exposto no Capítulo 1, Sawaia (2006a, p.08) nos afirma que

Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.

Esta colocação nos remete ao fato de que as privações não são apenas econômicas, mas representam também faltas subjetivas, as quais, no caso de Sr. O. apontam para uma incapacidade de estar na sociedade de uma outra forma.

Sr. O. diz ainda sentir-se desrespeitado quando as pessoas falam de seu trabalho, demonstrando que o trabalho de gari não é um serviço valorizado pela sociedade por ser uma profissão que gera vergonha. *“Eles fala (...) se for pra fazer esse serviço que nós faz ai não tem coragem de enfrentar, enfrentar o trabalho, assim de levantar cedo, vim até o trabalho e... trabalha assim na rua, tem muitas pessoas que não tem coragem”.*

O ato de jogar lixo no chão é, para Sr. O., a princípio, uma falta de higiene daquele que o fez e, em seu discurso, contrapõe o ato de sujar as ruas ao seu trabalho, indicando que ele, enquanto gari, demonstra higiene ao recolher o lixo das ruas. No entanto esta situação rotineira é significada por ele como desrespeito. Ao ser perguntado como se sente quando uma pessoa passa por ele e joga lixo na rua ele diz *“eu acho que ta jogando abusando do varredor”*; *“tem muitos que às vez a gente acabou de varrer naquele local e não espera nem a gente esconder mais pra frente pra não ver, eles já está rasgando o papelzinho assim e jogando, né”.* – Nesta fala mais uma vez é possível perceber como o ato de sujar as ruas é significado como um desrespeito para o sujeito e uma constatação de que não ver tornaria este gesto menos agressivo e não direcionado ao sujeito. Aqui também é possível apreender os sentidos que são produzidos pelo sujeito no que se refere à relação por ele estabelecida entre higiene x trabalho, uma vez que o sujeito, em seu

discurso vai atribuindo à sua prática um caracter de higienização. O significado da palavra higiene está intimamente ligado às formas de conservar e promover saúde, seja esta individual ou coletiva. Desta forma, podemos pensar no duplo sentido que o sujeito atribui ao seu trabalho, ou seja, como uma ação que está ligada diretamente a preservação e promoção da sua saúde, no que diz respeito a sua perpetuação no mundo. Com isso quero dizer que o trabalho é o que possibilita a garantia da sobrevivência do sujeito, sendo esta objetiva e subjetiva, pois fornece bens materiais, assim como um lugar subjetivo na sociedade, o qual está relacionado à constituição da subjetividade. O outro sentido atribuído pelo sujeito à esta relação diz de uma ação que está implicada na saúde coletiva. Assim, o sujeito encontra em sua prática profissional fins sociais, afirmando, desta forma, a importância de seu papel para sociedade. Isto posto, retomo o que foi afirmando anteriormente sobre a necessidade do sujeito de superar todas as condições precárias que se encontram em seu cotidiano através da construção da subjetividade de trabalhador.

Desta forma, proponho uma reflexão sobre o ato de jogar o lixo nas ruas na presença do gari, ação significada por Sr. O. como uma forma de desrespeito. Frente ao que foi exposto podemos pensar que tal gesto significa não enxergar e, assim, negar todo o sentido que foi construído pelo sujeito frente ao seu trabalho. Neste sentido, entendo que o não reconhecimento do trabalho é uma negação ao próprio sujeito, uma vez que sua prática está diretamente relacionada a constituição da sua subjetividade.

O processo de construção dos significados, categoria que corresponde a produções históricas e sociais, ocorre, pois como afirmam Aguiar e Ozella (2006), é a partir da atividade do homem que este transforma o meio no qual vive e, desta forma, a si mesmo, processo que resulta na constituição de significados. Isto posto, podemos pensar que em seu trabalho Sr. O. realiza uma atividade que provoca mudanças no meio, as quais, por sua vez, interferem diretamente em sua subjetividade.

Sr. O. relata que o gesto de sujar as ruas é feio para aquele que faz, mas é também algo bom para o seu trabalho, uma vez que é o fato deles jogarem lixo na rua que faz com que ele tenha seu trabalho garantido. O desrespeito então é

significado quando o gesto se dá na presença do gari, ou seja, jogar o lixo quando o gari está na rua fazendo o seu trabalho. *“(...) se a gente tá por ali varrendo e eles jogando no chão, já tá desrespeitando, mas vamos supor se a gente já tá longe e eles não tem, não tem uma lixeira perto pra jogar, depois jogou num cantinho ali, aí quando... a gente vai repassar mesmo o setor a gente já tem aquele lixinho ali pra fazer, pra limpa de novo”*. Sr. O. vai, em seu discurso, ressignificando um ato de desrespeito em uma constatação e uma conformação: *“o lixo é o serviço nosso do dia-a-dia, do dia-a-dia, mesmo (...) se não tiver o lixo nós não tem serviço mesmo, né, se não tivesse as pessoas que sujasse, né, não tivesse as árvores. A gente fala lixo, mas a folha não é lixo, a folha é esterco da terra. Aqui não é esterco porque cai na calçada, cai na calçada e não tem pó onde apodrecer pra ser esterco, mas vamos supor, se eles pega, vamos supor, um caminhão de folha aí, que a prefeitura cortou uns galho, aquele lixo que vai pra longe assim, aquilo ali vai tudo ser esterco, aquele esterco vai servir de adubo pras plantas. É um negócio que vai criando as plantas e a planta e aquele esterco se bom pra entra o feijão, o arroz pra nois...”* – Nesta fala é possível perceber nitidamente o movimento que Sr. O. faz em seu discurso. Inicialmente ele relata um sentimento de desrespeito vivenciado em seu dia-a-dia no trabalho e ao constatar isso, vai transformando a ação gestora deste sentimento em algo positivo, indicando que o lixo jogado pelas pessoas é a condição do seu trabalho e por fim, faz um embelezamento daquilo que ele recolhe nas ruas, trazendo a natureza e seu ciclo como parte do seu trabalho diário, apontando para a importância das folhas para a vida do homem, já distante do desrespeito e da desvalorização da sua profissão. Este é o sentido construído pelo sujeito ao ato de sujar as ruas. Segundo Aguiar e Ozella (2006), a categoria sentido “constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente uma realidade” (p.06), o que indica que tal categoria não está submetida à uma lógica racional externa, levando-nos às necessidades que estão diretamente relacionadas a construção dos sentidos. Desta forma, é imprescindível que tenhamos como ponto de partida um dos princípios do materialismo dialético: a unidade contraditória existente na relação simbólico-emocional, o que nos coloca diante do fato de que “a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação ds motivos, necessidades, interesses, que orientam o seu movimento” (p.07). Assim, Sr. O. busca através da valorização de sua profissão e da transformação de aspectos negativos (jogar lixo no chão) um fortalecimento da sua subjetividade. Isto quer dizer

que a necessidade é a de constituir-se subjetivamente e a sua prática é o que o sujeito significa no mundo social enquanto possibilidade de satisfação de tal necessidade, sendo sua profissão, o que o impulsiona e o motiva a ação na busca pela concretização das necessidades. Ainda assim, vale ressaltar que este movimento não se encerra aqui, uma vez que “a possibilidade de realizar uma atividade, que vá na direção da satisfação das necessidades, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade (...) A necessidade não conhece seu objeto de satisfação, ela completa sua função quando o ‘descobre’ na realidade social” (p.08), movimento este que define, segundo os autores a configuração das necessidades em motivos, os quais “se constituirão como tal somente no encontro com o sujeito, no momento que o sujeito o configurar como possível de satisfazer as suas necessidades”.

Desta forma, os sentidos podem ser pensados como o processo gerador da atividade, ao mesmo tempo em que é gerado por ela. Esta afirmação auxilia a clarear como se dá o processo de constituição dos sentidos para Sr. O., já que é no seu cotidiano que ele atribui sentidos à sua prática e às suas vivências, sentidos estes que movem o sujeito a agir no mundo social.

Outro aspecto relevante que se apresenta ao longo da entrevista é o preconceito vivido pelo sujeito frente ao tipo de serviço realizado por ele. Segundo Sr. O. *“tem pessoas que tem preconceito do serviço”*; *“preconceito de estar trabalha... de de de estar fazendo esses tipos de serviço, sabe”*. O sujeito afirma, ainda, que

“eles pensam que não é, que é um serviço que não é um serviço assim de elogio, que não é um serviço elogiado. Mas trabalha de gari pra mim, é pra mim foi e tá sendo bom, né. Tá sendo bom pra mim é... é um serviço que a gente sempre tá tendo ele, né. Se você vai pegar um serviço lá fora, acabou aquele serviço tem que ficar esperando outro sai, esse serviço nosso é um serviço que sempre tem, né, sempre tem ele pra fazer”

No discurso do Sr. O. há novamente uma ambivalência. Ele inicia sua fala dizendo que o trabalho do gari é um serviço pouco valorizado pela sociedade por gerar vergonha da exposição e das atividades exercidas (varreção e coleta) e, em seguida, afirma ser um serviço bom, novamente qualificando o trabalho pela estabilidade financeira que este oferece, nos indicando mais uma vez que o salário fixo é significado pelo sujeito como necessidade, a qual encontra no trabalho de gari a sua possibilidade de satisfação, momento em que são constituídos os motivos que levam o sujeito a agir.

Sr. O. relata que algumas pessoas perguntam a ele se tem coragem de varrer a rua, ele diz com tranquilidade que sim, e, em seguida, afirma que “*o importante é estar ganhando*”, indicando que neste caso a submissão às condições são necessárias para que ele tenha um emprego registrado e um salário fixo, aspectos que para ele são de extrema importância já que estão relacionados a sobrevivência e às perspectivas de futuro. Esta colocação permite uma análise acerca das necessidades e motivos que envolvem Sr. O na atividade realizada.

González Rey (2005) define necessidade como “o estado afetivo que aparece pela integração de um conjunto de emoções de diferentes procedências no curso de uma relação ou de uma atividade realizada pelo sujeito”, o que aponta para o fato de as necessidades se constituem enquanto

estados produtores de sentido, associados à atuação do sujeito numa atividade concreta. Portanto, toda atividade ou relação implica o surgimento de um conjunto de necessidades para ter sentido para o sujeito, só que este sentido se dá no contexto da realização da dita ação (p. 245).

Ainda segundo o autor, “as necessidades estão associadas ao processo do sujeito dentro do conjunto de suas práticas sociais. Elas são formadoras de sentido na processualidade das diferentes ações e práticas sociais do sujeito” (p.246)

Frente as citações acima penso que o trabalho é significado pelo sujeito como necessidade e, desta forma, sentidos subjetivos são produzidos durante a sua prática. O trabalho se constitui enquanto necessidade no momento em que há uma carência que busca sua satisfação. É o trabalho que materialmente possibilitará a sobrevivência do sujeito no mundo. Desta forma, Sr. O ainda que seja alvo de preconceito, estará sempre em um constante movimento de valorização da sua prática, afinal, o trabalho é a fonte de satisfação de suas necessidades, as quais fazem parte da constituição da sua subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicitado na introdução deste trabalho, o objetivo da pesquisa era compreender melhor como ocorrem os processos de constituição da subjetividade, a partir da relação dialética que o homem estabelece com o social. Nas palavras de Aguiar e Ozella (2006) o objetivo e a forma de atingí-lo ocorreria ao compreender que “os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido” (p.226). Desta forma, foi a partir de uma análise construtiva/interpretativa que a compreensão do sujeito se apresentou como possibilidade.

Diante dos elementos importantes que se apresentaram na entrevista realizada referentes às contradições da sociedade, penso que a análise do discurso nos levam, em última instância a uma compreensão do funcionamento da sociedade como um todo. Com isto quero dizer que através do discurso do sujeito, foi possível apreender elementos e fenômenos sociais, os quais além de apontar para uma interpretação única e subjetiva, nos permitem uma análise maior da sociedade atual. Ao encontro desta afirmação, Aguiar e Ozella (2006) nos alertam para a importância de sempre olhar a realidade singular à luz da totalidade social, o que significa estar atento às determinações históricas e sociais.

Como última observação gostaria de pontuar a articulação presente entre os três núcleos de significação apresentados anteriormente, articulação esta que aponta para uma contradição do sujeito. Esta contradição é entendida aqui como o movimento fundamental para apreensão da constituição dos sentidos. No discurso do sujeito, a constante busca pela valorização da sua atividade é um elemento que se apresenta enquanto necessidade na busca por superar as adversidades que surgem em seu cotidiano. É a compreensão de que o trabalho se apresenta como necessidade social, singular e afetiva que nos permite apreender como ocorre a constituição dos sentidos para o sujeito em questão.

O tema proposto nesta pesquisa surgiu como uma indagação ao longo da minha formação. O tema trabalho sempre foi algo que me convocou a refletir, ao entender que é através do agir humano que o homem vai se constituindo enquanto tal e, pela sua ação, a transformação da sociedade se apresenta como possibilidade. Ao meu ver o tema é bastante relevante para a Psicologia, uma vez que o estudo da Subjetividade articulado à análise da sociedade fornece mais subsídios para a compreensão do homem e do contexto no qual ele está inserido, a partir da relação dialética por eles estabelecida.

Creio que um dos objetivos não explicitados desta pesquisa é que, a partir do levantamento teórico apresentado nos capítulos teóricos e frente a análise que foi construída, outras pessoas possam se beneficiar deste estudo e que, desta forma, esta pesquisa se constitua enquanto uma contribuição à comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Vol 26, n 2, 2006, p. 222-245.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, GONÇALVES, FURTADO (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica – uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-35.

FURTADO, Odair. Psicologia e relações de trabalho: em busca de uma leitura crítica e uma atuação compromissada. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (org). *A perspectiva histórica na formação em Psicologia*. Petropolis: Vozes, 2003, p. 211-239.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como Ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, GONÇALVES, FURTADO (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica – uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-52.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *La Investigacion Cualitativa en Psicologia: Rumbos Y Desafios*. São Paulo, Educ, 1999.

GONZÁLEZ REY, Ferndando. *O social na Psicologia e a Psicologia no Social*. Petropolis, Ed. Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2005.

MARTINS, José de Souza. Introdução. In: *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2003a, p.7-23.

MARTINS, José de Souza. O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal. In: *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2003b, p.25-38.

NARDI, Henrique Caetano. Subjetividade, trabalho e ética. In: *Ética, Trabalho e Subjetividade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006, 21-52.

OZELLA, Sergio. Pesquisar ou construir conhecimento. O ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. In BOCK, Ana M.B. (org). *A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003, p. 113-131.

SAWAIA, Bader Burihan. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, B. (org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 6ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006a, p. 7-13.

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 6ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006b, p. 97-118.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ANEXOS

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,

R.G: _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado “*A subjetividade constituída a partir da desigualdade social – os significados e os sentidos produzidos por um trabalhador*”, desenvolvido na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) pela pesquisadora Andréa Carla de Souza Atilano. Fui informado(a), ainda, que a pesquisa é orientada pelo Prof. Sergio Ozella, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 3670-8320 ou e-mail psicopuc@pucsp.br

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é investigar a dimensão subjetiva produzida pelas vivências do homem com a sociedade e com os indivíduos que a constituem.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar a pesquisadora responsável, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP – PUC/SP), situado na Rua Ministro de Godoy, 969 – Térreo, Perdizes, São Paulo (SP), CEP: 05015-000, telefone: 3670-8466.

A pesquisadora principal do estudo me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

São Paulo, ____ de _____ de 2007.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Andréa Carla de Souza Atilano
RG. 30444101-6

ANEXO II - ENTREVISTA COM Sr. O.

E: Sr. Onofre, como havíamos conversado, essa entrevista será utilizada em um trabalho que estou fazendo para Faculdade. Eu gostaria de conversar um pouco com o senhor e queria que você ficasse o mais a vontade possível. No meu trabalho não tem certo nem errado. O que importa para mim é conhecer um pouco de você, da sua vida.

Para começar, então, eu queria saber quantos anos você tem e se o senhor é casado ou solteiro.

O: Tenho... A minha idade é 53 anos.

E: O senhor é casado?

O: Casado, desquitado.

E: Onde o senhor mora?

O: Moro lá em Jardim Miriam.

E: O senhor mora com quem?

O: Eu tenho uma companheira, só que nós não somos casados.

E: Ela também trabalha?

O: Trabalha aqui na Conceição, ai.

E: O que é a Conceição?

O: É a estação, né. Trabalha perto da estação, ali.

E: Ela trabalha com o que?

O: Trabalha assim em casa de família.

E: O senhor tem filhos?

O: Tenho um filho e uma filha. Eles são casados.

E: Quantos anos eles têm?

O: Ta uma com 17 e a outra com 28 anos.

E: O de 28 anos é o homem ou a mulher?

O: É homem.

E: O homem é o mais velho?

O: O mais velho. Já ta casado já. Só eu moro eu e a esposa só.

E: Mora só o senhor e a sua companheira. Como ela chama?

O: L.

E: Você e a L. moram juntos e seus filhos não moram com você?

O: Não moram comigo.

E: Eles fazem o que? Estudam, trabalham?

O: Não. Eles trabalham. Não estão estudando mais não.

E: Quem é o responsável pelo sustento da casa do senhor?

O: Responsável pelo sustento?

E: É. Quem paga as contas, coloca o dinheiro lá dentro?

O: Quem paga as contas sou eu.

E: É você? E a sua mulher te ajuda?

O: Ajuda.

E: Vocês dividem as contas?

O: É, ela paga as contas de telefone, né, nós temos telefone. E eu pago a conta de água e a luz.

E: Me conta um pouco de como é o seu dia-a-dia, desde a hora que você acorda até a hora que o senhor vai dormir.

O: Ah, o meu dia-a-dia é assim, eu tenho, eu acordo de... às 4 horas, né. Às 4h05 eu acordo, aí eu desço, tomo café e vintinho pra, e 4h30 eu tô saindo pro serviço. Aí eu chego aqui faltando vinte pras seis, vinte, vinte e cinco pras seis eu tô chegando aqui. Se eu pegar mais rápido eu chego faltando vinte minutos, por aí, eu chego aqui, assim, faltando vinte pras seis eu tô chegando.

E: Às seis horas o senhor entra no trabalho?

O: Seis horas entro no trabalho.

E: Trabalha até que horas?

O: Trabalho até as 14h20.

E: Até às 14h20.

O: É, duas e dez a gente vem andando, né. Daí chega aqui e nós entra as duas e vinte. A gente acaba de esperar o horário aí na frente, né. A gente chega aí faltando três, três, quatro minutos. Aí dá uma esperadinha pra entrar.

E: E quando você chega aqui (alojamento), faz o que?

O: Depois que chega aqui? Chega, é só trocar, né. A gente chega, a gente, às vezes uns toma banho, muitos já não toma banho. A gente só faz uma meia sola e troca e já entra na escola aqui.

E: Aí fica na escola até às...

O: Aí estuda aqui aí, eu, tenho a outra escola lá também que eu estudo até nove e meia.

E: Espera um pouco. O senhor chega no alojamento às 14h20, toma um banho e vai para aula. Aí o senhor fica na aula até às 16h30, é isso?

O: É. Às 16h30 eu vou para casa, chego em casa eu janto e vou pra outra escola.

E: Ah, você vai para outra escola à noite ainda?

O: Pra outra escola.

E: De que horas até que horas é lá?

O: Até às nove e meia.

E: E depois?

O: Aí, volta e já vou deitar dez horas, no outro dia o mesmo horário que eu vou pro serviço.

E: Mesma coisa no dia seguinte?

O: É. É o trabalho do dia-a-dia, né. A luta.

E: E no final de semana, como que é?

O: Final de semana?

E: É, como é o seu dia-a-dia nos finais de semana?

O: Final da semana eu já gosto de dormir mais tarde. Se eu não venho trabalhar no domingo eu saí, tomo banho aí chamo a mulher “vamo no baile?”, ela fala assim “não vou não, mas se quiser ir, você pode ir”. Eu vou, me divirto um pouco, porque eu gosto de diversão, né. Gosto de divertir um pouco.

E: Então o senhor sai no sábado aproveita e no domingo?

O: Domingo às vezes não venho trabalhar, tô em casa o dia todo, aí deita e tal, almoça, deita e descansa um pouco. Quando é na segunda-feira é a mesma rotina, novamente.

E: Pensando no que o senhor me contou do seu dia-a-dia, o que o senhor gosta de fazer?

O: Sobre o serviço?

E: Do seu dia-a-dia, pode ser durante a semana ou no final de semana. O que o senhor gosta de fazer?

O: Eu gosto de tá vindo pro serviço, o estudo tá sendo bom pra mim, né. Não vou dizer que eu tô dando muita saída não, porque a cabeça tá veia, né. Não tá aquela

cabeça nova que ta descansada, que ta dando boa saída, mas eu já achei uma diferença boa depois que eu to estudando, tanto faz nessa como na de lá.

E: Então, o senhor gosta de estar estudando?

O: Gosto.

E: E o que o senhor não gosta de fazer no seu dia-a-dia?

O: O que eu não gosto de fazer? Acho que eu gosto de tudo. Eu acho bom o trabalho, né, esse trabalho assim de levantar cedo eu gosto. Agora trabalho assim de pega já tarde no serviço eu não gosto não. Se você pega cedo você pega animado, se pega tarde você fica desanimado, né. Diz ué, porque eu peguei esse horário eu podia, né, ter pegado mais cedo, né.

E: O senhor escolheu trabalhar nesse horário? Já trabalhou a tarde alguma vez?

O: Eu gostei mais é desse horário de cedo.

E: Mas o senhor já trabalhou a tarde?

O: À tarde eu nunca trabalhei não. Eu não entrei a tarde por causa do estudo mesmo, né. Quando eu entrei lá era para mim pode trabalhar no estudo, pra mim trabalha a noite, tinha de perder o estudo. Se eu fosse trabalha a noite eu tinha que perder o estudo, então... ai eles pois pra trabalha o dia, das seis às duas e vinte.

E: E no seu horário de lazer, quando o senhor não está trabalhando, o que você gosta de fazer?

O: Eu gosto de sair, né, passear um pouquinho.

E: Passear onde?

O: Pode ser assim, no bar, tomar um refrigerante, negócio assim que eu gosto de fazer.

E: O que mais?

O: É só mesmo.

E: O senhor tem algum sonho?

O: Sonho? O meu maior sonho é deu, é de sonha que eu tava ganhando na esportiva.

E: Na loteria esportiva?

O: Na loteria esportiva.

E: Esse é o seu sonho?

O: É. (silêncio) Esses dias eu sonhei um sonho tão ruim. Um sonho que eu tava (silêncio) um sonho assim, eu sonhei um sonho no mesmo tempo, na mesma hora o sonho acabou em nada, né. Sonhei que eu tava, tava trabalhando.

E: Essa noite você sonhou que estava trabalhando?

O: É, sonhei no domingo que eu vinha trabalha. Ai levantei assim, levantei a cabeça do travesseiro, olhei bem no relógio, falei "puxa, eu não vou trabalha não", ai tornei a deitar de novamente.

E: E foi bom ou foi ruim?

O: Foi bom. Você sonhar que está, que tá trabalhando é sinal que você tá com saúde, né, tá com disposição e se você não ta com disposição, não sonha que ta trabalhando, ta batalhando, então, é sinal que você não tem saúde.

E: E o que o senhor espera para o seu futuro, o que você realmente deseja, que você queira concretizar no futuro? Um sonho, não um sonho dormindo, mas um sonho acordado, alguma coisa que você queira que aconteça.

O: (silêncio) Eu sonho que eu... eu sonho, o que eu desejo assim, às vez, assim pensando assim, ne... Acordado? Pensando em um dia eu ta, pensando em futuro, um dia dá pra botá uma vida melhor, né.

E: Ter uma vida melhor?

O: Ter uma vida melhor, condições melhor de vida, né. Que o trabalho é, é, é bom, né, mas é você ter mais dignidade, assim, ter mais é... ta trabalhando, mas tá, mas assim é mais a vontade, né, você ta trabalhando, e tem umas condições melhores.

E: Sr. O, quais são as suas principais preocupações hoje em dia?

O: Preocupações? Ah, preocupação, eu não tenho muita preocupação, não. Eu, no caso, to trabalhando e tando sobrevivendo, pra mim não tem preocupação nenhuma. Não ando muito, não ando preocupado não. Agora, andei preocupado sim, andei preocupado com falta de serviço.

E: Quando isso?

O: Foi uns anos atrás.

E: Alguns anos atrás?

O: De um ano pra trás. Antes deu entrar nessa, nessa firma ai.

E: Nessa firma o senhor entrou quando, então?

O: Eu entrei foi no, foi o ano retrasado que eu entrei.

E: O ano retrasado. Então antes disso o senhor estava preocupado?

O: Tava preocupado que eu tava, tava trabalhando, tava assim, movimentando com as coisas assim que não tinha futuro, sabe, vendendo, assim, vendendo ambulante as coisa, rádio, negocio assim. Aquilo ali não tava dando pra mim sobrevive. E aqui, aqui, com o pouco que a gente ta ganhando, ne, a força que os fiscais dão pra gente, que essa foi que mandou a gente embora...

E: Quem mandou vocês embora?

O: A outra firma. Mas essa daqui pegou a gente, e com a força também dos fiscais também, a gente encaixou, né, agora vai, né, vai e ta dando tudo certo. É o que a gente mais quer, que trabalha até a época da gente aposentar, no caso, aposentar e tocando o barco pra frente.

E: Sr. Onofre vamos conversar um pouco agora sobre o seu trabalho. Quando você começou a trabalhar? Quantos anos você tinha? Qual foi o seu primeiro emprego?

O: Meu primeiro emprego que eu comecei a trabalha eu tava com vinte, vinte e três anos.

E: O senhor trabalhou do que?

O: Sempre de servente, assim, em obra, mexer massa, pra construção, tudo...

E: Como você arrumou esse emprego?

O: Arrumei assim, né, procurando, né, assim na Av. Jabaquara ali, conhece o, ali o hospital ali da... perto do metrô ali na... esqueci como é que é que era o hospital... o Savoi, hospital Savoi. Lá eu trabalhei, o primeiro emprego que eu arrumei assim pra trabalha fichado, né.

E: Foi de servente?

O: Foi de servente.

E: E o que o senhor fazia lá?

O: Fazia lá, eu fazia tudo. Ajudava assim os carpinteiro, ajudava assim, os pedreiro a fazer massa, ajudante geral, sabe. Igual, igual aqui mesmo, igual a muitos que trabalham aqui, essas pessoas... tirando a gente que é varredor, os amarelinho é ajudante geral. E assim, pra quem trabalha dentro de obra também é ajudante geral. Você ta fazendo um serviço aqui, ai o mestre fala assim "vem fazê isso aqui" e você não vai falar não, vai lá, faz ai já vem "agora você pode ir com aquele outro", você vai ajuda aquele lá e sempre ta movimentando ali. Ai, "ah, agora vocês vai faze massa por exemplo", vamo faze. Você vai medi ali, é umas seis girica de areia ali, aquelas girica...

E: Girica?

O: É, chama girica. Ela segura assim, ela vira, vira por cima dela.

E: Aquele carrinho?

O: É, ele é redondo assim. Ai a gente subia assim no guincho, espera lá, ia eu e um outro que ia mistura aquela massa com, aquela areia com cal, e colocava meio saco de cimento e dava aquela mexida. Ai quando era de tarde que tinha muita massa, a gente tirava aquela massa e colocava do lado de fora e botava que era pra curtir com o cal, pra mexe no outro dia, e a gente, dentro dos andaime, colocando bloco. O meu serviço sempre foi esse serviço assim, sabe.

E: E do que você gostava nesse trabalho?

O: De que eu gostava desse trabalho ai? De tudo isso ai o que eu gostava mais ali, ali mais é de... quando era um trabalho assim, só de, no caso, fazê limpeza dentro da obra, assim, né, varre lá dentro, pega aquelas madeiras, empurra pra lá .

E: Você gostava disso?

O: É, aquele ali que eu gostava mais. É o mais leve um pouco, né, mas é o de areia assim, por um saco de cimento nas costas, que isso ai não é pra qualquer um, aquilo ali é pesado, é só serviço pesado mesmo.

E: E o que o senhor não gostava?

O: O que eu não gostava? Desse ai o que não gostava mesmo é esse negócio de fica mexendo massa.

E: Porque não?

O: Porque ali a gente pega, vamô supor sem luva, pega assim no negócio que queima a mão, né. Às vezes chegava a fica... pegando a massa, na enxada, pega no cimento, dava aquele cascão nas mão assim, coçava a mão. Só isso ai. Mas pra gente sobrevive todo serviço cê tem que acha bom, né. Ou ruim ou não, mas é bom, é bom o dia-a-dia do trabalho, é bom, né. Depende do que a gente achou lá na frente. Agora de todo serviço que eu já trabalhei o melhor que eu to achando é esse, esse aqui.

E: Quanto tempo você trabalhou neste lugar como servente?

O: Eu trabalhei em uma que é a construtora Passareli, foi a que eu trabalhei mais, trabalhei nessa seis anos.

E: Seis anos. O senhor me contou que começou a trabalhar com 23 anos, então vamos fazer uma linha do tempo da vida do Sr. O. Ai com 23 anos o senhor começou a trabalhar nessa construtora Passareli?

O: É. Não! Primeiro foi nessa Serv Engenharia, né. Ai trabalhei nela, essa daí eu trabalhei, trabalhei onze mês. Ai sai dela, trabalhei na Formabloco três anos, depois dessa daí eu entrei na construtora Passareli, trabalhei seis anos.

E: Foi tudo direto? O senhor não ficou desempregado nessa época? Saia de um emprego e já entrava no outro?

O: É, nessa daí, depois que eu sai dessa construtora Passareli, que eu sai dela, depois fiquei trabalhando mais uns dois anos sem ficha, sem ficha na certa, né, assim como pedreiro, assim.

E: Sem registro?

O: Sem registro.

E: Como pedreiro?

O: Como pedreiro. Ai, trabalha assim como gato não da certo, né, e sem ficha também, que manda é a ficha na carteira, ai eu entrei nessa... entrei na Vega, trabalhei na Veja quinze ano, quinze ano e oito mês e agora entrei nessa, que é a X.

E: Nessa firma o senhor entrou quando, você disse o ano retrasado, é isso? Em 2005?

O: Nessa aqui mesmo entrei foi dia primeiro de abril.

E: De que ano?

O: Desse ano mesmo. A data que eu não...

E: Esse ano agora, 2007?

O: É, 2007.

E: Na Vega o senhor ficou 15 anos?

O: 15 anos na Vega.

E: Trabalhando como gari?

O: Como gari.

E: Então o senhor já é gari há mais de 15 anos?

O: Há 15 anos.

E: Você lembra o ano que você começou a trabalhar como gari?

O: Eu entrei, entrei na Vega em noventa.

E: Porque o senhor mudou de profissão, deixou de trabalhar como servente para trabalhar como gari?

O: É porque, assim, pra trabalhar assim de pedreiro assim eu não gosto muito não.

E: Do que o senhor não gostava nessa profissão?

O: É, não gostava que é, assim, se você vai fazer um serviço pras pessoas, aquilo ali tem muito exigência, sabe, então é muita exigência, aí eu falei "não, não vou continuar nessa profissão não, vou ficar como ajudante geral mesmo, como varredor.

E: E aí o senhor pensou que não queria mais trabalhar como pedreiro e como que o senhor achou, como encontrou essa outra profissão de gari? Como foi? Conta pra mim o que o você fez, onde você procurou?

O: Essa daí, essa de gari foi, foi assim, eu fui no Diadema achei uma fábrica lá que tava pegando, ne, aí eu falei, "tá pegando?", "ta", aí eu, falei "mas vocês dão a ficha pra gente preencher em casa?", "ah não, a gente não dá a ficha pra entrar na fábrica", aí eu caçando serviço, aí tem ali na Jabaquara, quando cheguei na Jabaquara, aí "vou descer lá e ver se tá pegando, ne", qualquer serviço que entrar pra mim tá bom. Aí cheguei lá, tava pegando, fiz a ficha hoje no outro dia já comecei o serviço.

E: Me conta um pouco então desse trabalho do gari, o que você faz?

O: De gari assim, nós, a gente varre a rua, né, varre, vamos supor, um dia um tá no carrinho, outro dia outro tá no vassourão. É assim.

E: Vocês sempre andam em dupla?

O: Em dupla, nois anda, nois trabalha em três.

E: Em três?

O: Em três, é.

E: São sempre os mesmo três?

O: Dois varrendo, um no carrinho, ali. No outro dia troca, né, troca do carrinho pro... a troca do vassourão vai pro carrinho e a gente que tá no carrinho naquele dia vai pro vassourão e vai trocando assim. Tem que ser trocado né. Tem que ser trocado, que vamos supor, se você, se você só sabê coleta você não pega a prática da vassoura e varreção tem que ter prática, se não tiver prática você não são do lugar. Passa o dia todo pra varrer como daqui naquele portão ali, que é uma rua curta e volta na outra. Tem que ter prática disso, então, tem que, se o cara pega a prática do carrinho tem que pega a prática do vassourão também. E aí tem que, aquele negócio, tem que trabalhar os três controlado, controlado assim, se não tiver controle o serviço não sai. Então... esse serviço nosso é um serviço que ele cansa, é cansativo, no mesmo tempo não é. Porque pro serviço que eu já fiz, ne, que é pega saco de cimento, tudo... já carreguei saco de cimento na cabeça até, pra esse serviço aí, isso aí pra mim é uma manha.

E: Qual é que é manha?

O: Esse aqui. Você pega no carrinho ali, foi lá pegou um montinho, foi lá pegou aquele que ficou lá, com sentido também pra não ficar um montinho pra trás, que se fica um pra trás, espalhou, a rua ta suja mesma coisa, né. Vamo pega, tem que trabalhar com atenção, olhando bem, olha aqui olha ali, pega certinho, porque se ficar um monte pra trás, espalhou, a rua fica suja a mesma coisa.

E: Então, para ver se eu entendi, vão os dois com o vassourão, juntam o lixo, fazem os montinhos e o que vem com o carrinho vai recolhendo...

O: É, coletando. Quando enche o saco, a gente vai no lugar, vai assim lá no ponto certo, no lugar que o caminhão passa, né, passa ali, pega e coleta. Não pode por, não pode por em cima da faixa, tem que por dois metros pra trás da faixa, né. Se chama serviço adequado, no lugar adequado.

E: Tem lugar pra colocar o saco?

O: Pra colocar o saco, que o caminhão passa e pega e tem que por no local que, naquele local que os gari vai descer ali e não vai ser atropelado atrás. É, em cima da faixa, que em cima da faixa o caminhão para em cima da faixa, pro gari pega o saco vai ter multa pra dentro da firma. É tudo isso ai. Ai depois que passou da faixa ali e depois do farol até, que em cima do farol também não pode parar o caminhão, ai ele já pode desce e pega, já pega o saco aqui.

E: Ah, por isso que o saco não pode ficar na faixa?

O: Não pode, nem na faixa e nem em cima do farol ali. No farol ali é multa, pra frente não é. Pra evitar, na hora que parou o fiscal multou.

E: Quantos saco de lixo o senhor e as outras duas pessoas que trabalham com você costumam encher por dia?

O: Dependendo do setor é quinze saco.

E: Por dia?

O: Por dia. E o dia quando ta mais sujo é vinte e dois, vinte e quatro saco, por dia.

E: Quantas horas o senhor trabalha por dia?

O: Oito horas.

E: E quantos dias por semana?

O: Seis dias.

E: Tem folga no domingo, é isso? Um domingo sim, um domingo não?

O: Um domingo sim um domingo não.

E: E ai troca a folga pro dia da semana?

O: Folga dois domingo no mês. E trabalha dois. Mas não é todo mês não, tem mês que a gente folga os três domingo, ne, e trabalha um. Tem mês quando ta mais apertado, às vezes tem festa ai, a gente trabalha os três domingo no mês, mas é quando tem, vamo supor, o Vale do Anhangabaú também tá sujo, ne, tem que vim naquele domingo, às vez já trabalhou a semana inteira vem naquele domingo, ai tira a folga na semana.

E: Me conta um pouco, Sr. O. como é o dia-a-dia do gari, desde a hora que você chega até a hora que você chega até a hora que você vai embora. Você me contou que chega aqui vinte para às seis...

O: O dia-a-dia é igual eu falei, o dia-a-dia você trabalhou, chegou as seis, se trocou, é cinco pras seis já ta saindo pro setor, né.

E: Qual é o seu setor?

O: Eu não tenho setor ainda, eu sou reserva. Eu to assim, um dia eu trabalho com uma equipe, no outro dia trabalho com outra, quando não tem aqui, eu vou fazer o calçadão ali da São João ali, eu e mais outro parceiro, outra vês aqui em cima, os

cara vão varrendo a guia e a gente vai varrendo a calçada. E quando ta faltando, tira um pra folgar, de folga assim, a gente vai pras equipes.

E: Você substitui a pessoa que ta de folga?

O: É, substitui o que ta de folga. Então nois somo mais é reserva, mais reserva.

E: Então você chega, se troca e já vai para as ruas varrer...

O: Ai, se já ta tudo completa, a gente vai sair daqui ali na faixa de umas seis e meia. Ai eles vai, os fiscais vai ali ver pra onde vai, vai um prum lado e vai outro pro outro. Se precisa na equipe de um reserva ai, ajuda aqueles três lá ai fica em quatro, ai se vê que não precisa lá, ai tira um e vai um prum quanto. Mas é tudo calçada, mesmo, sempre na calçada varrendo. É aquele negócio. Tem que ter a reserva mesmo pro dia da folga de um, a gente ta substituindo a folga do outro que vai trabalhar no domingo. Agora ontem mesmo eu folguei, né.

E: Ah, ontem foi seu dia de folga?

O: É, eu folguei, tudo bem, pra eles aqui não fez falta, pq já teve outro que não tava de folga no meio das equipes, ai eu não fiz falta. Fiz falta porque de todo jeito precisava da gente aqui, ne, todo dia seis horas tem que estar aqui. Mas como eles precisam da pessoa no domingo, ai também eles já tem aquelas pessoa certa pra substituir no setor.

E: Então se o senhor folgou ontem, vai trabalhar nesse domingo?

O: Vou trabalhar no domingo.

E: Ah, entendi. Então vamos voltar um pouquinho. No seu dia-a-dia o senhor chega, se troca e já vai pra calçada varrer. Nessas oito horas quando é o seu horário para tomar um lanche ou pra almoçar, ir ao banheiro?

O: Sobre ir no banheiro, vamo supor, se senti vontade de usar o banheiro, a gente fala assim pra equipe, "to indo no banheiro ali", ai vai no banheiro e ai já vem rápido...

E: Mas onde que o senhor vai ao banheiro?

O: Se vai tomar um cafezinho, se vai tomar um café, não pode entrar os três dentro do bar, entra um, pega o café lá, se puder por até num copo descartável, a gente sai e toma do lado de fora o café. Ai, se ta no horário que a gente pode entrar, que é o horário cedo, a gente toma aquele café ali, pode toma o café lá dentro mesmo. Toma o café só a gente mesmo, toma o café sai, ai depois que a gente tomar o café, ai passa daí um espaço ai pode ir o outro, o outro da equipe pra não ficar, na hora que a gente ta, que chegar, vamo supor, que chega um sombra, ou mesmo um líder, vamo supor, ta passando...

E: O que é sombra?

O: Sombra é o que a gente fala é, sempre tem, vamo supor, às vezes a gente não vê eles, ta trabalhando, pa pa pa, se a gente de uma falha de estar muito parado, a gente... eu sou difícil parar, ne, eu falo pelos outros, ai eles metem a caneta, metem a caneta...

E: É tipo um fiscal?

O: É, um fiscal, fiscal de rua.

E: Da firma?

O: É fiscal de rua.

E: Mas é da firma?

O: É contratado da prefeitura. Ai eles pegam e colocam na prancheta ali e manda pra firma.

E: Então sempre tem algum fiscal dando uma olhada pra ver se o serviço está sendo feito?

O: Sempre tem. E da firma, eles já jogam pros fiscais daqui que é o da gente e ai eles vai falar “oh gente, oh, vou falar um negócio pra vocês, vocês evita de estar muito, de estar parado, porque aquela hora que os sombra passa e pega mesmo e eles marcam mesmo”. Se tiver dez minuto parado, se você tiver dez parado eles marca vinte ali na prancheta. Ai marcou vinte, quem vai se ferrar, não é o fiscal não, é a gente que é o trabalhador. Então a gente que tem que anda, que tá trabalhando no serviço, trabalhando no serviço tem que estar muito atento, cuidado com muita parada. Eu fui faze um xixi no banheiro lá, ne, mas ali se você entrou de pressa não marca nada, mas se fica dez, vinte muito lá pra dentro , é anotado. Tem tudo isso ai, sabe.

E: E onde é o lugar onde o senhor usa o banheiro?

O: É, assim, em um dos bares, né.

E: Sempre nos bares?

O: É, chega lá, conversa com o vende..., “ah, posso usar o seu banheiro ai”, “ah pode”, ai a gente vai lá usa o banheiro, pra não fazer o feio, a gente vem compra umas balinhas joga no bolso, né, porque não é o certo eles deixar qualquer um usar o banheiro mesmo, ne. Tem muitos que nao deixa usa o banheiro.

E: Não deixa porque?

O: Porque é aquele negócio, é, só as pessoas assim que ta passeando mais é que entra. Tem muito lugar que deixa, tem muito lugar que a gente pede “ah, a descarga ta quebrada”, a gente tem que implorar “não, é só pra fazer xixi”, “ah, só pra fazer xixi, então vai”.

E: Mas porque o senhor acha que eles não deixam usar o banheiro?

O: Porque eles pensam que o funcionário não é deles, a gente né, que trabalha na firma. Eles acham que a firma tem que ter os banheiro pras pessoas usar, então o pensamento deles que eu penso na minha cabeça também deve ser isso. Mas é o lugar que a gente tem que correr, né, na hora que apertou ali, tem que usar, ir lá, fazer um xixi.

E: E como é quando eles não deixam usar? Como o senhor se sente?

O: Quando eles não deixam a gente vai, a gente vai andando, andando, se tem lugar que não tem gente vendo, a gente tem que arrumar um lugar que encosta, né, pra fazer, né, que não passa gente também.

E: E tem algum horário que vocês tomam um lanche, quando é o horário de almoço?

O: O horário que a gente toma lanche é assim, a gente, vamo supor, se não deu seis, ta no serviço, vamo supor, que a gente sai antes das seis aqui, não deu seis horas ainda, ne, às vezes é até umas seis e cinco, não é uma hora muito perigosa pra gente. Ai a gente para, não para dentro do bar, passa numa banquinha assim, pede café...

E: Perigoso pelo fiscal, você diz?

O: É. Mas mesmo assim a gente faz uma paradinha rápida, “dá um café ai, dá um bolo ai”, ai já pega aquele café ali, e o carrinho ta guardado naquele local lá, a gente vai comendo o bolo e tomando o café andando, viu, ai chega lá e já comeu, já pôs aquele copinho na lixeira no caso, e já pega o carrinho e ai depois já começa o serviço, a trabalha.

E: E o almoço, que horas que é?

O: Onze horas.

E: Você tem uma hora de almoço?

O: Nois tem uma hora de almoço.

E: E o uniforme do gari, o que significa esse uniforme?

O: O que significa? O uniforme é uma... significa uma visão, porque, vamo supor, nois tamo trabalhando coletando todo uniformizado, com colete, com X, né, vamo supor, eles de cara eles já identifica, ou no carro ou andando de a pé mesmo, eles passa longe e eles estão vendo a gente, “olha o trabalhador ta ali”. Ai, se é uma pessoa que vai fazer uma pergunta, qual o nome do setor, pa pa pa, eles já chega, já pergunta o número do mapa, pergunta o número do setor, a gente fala o número do setor, o número do mapa ali, ai, já vai embora também, aquele negócio, é pra gente ficar bem reconhecido na rua que ta varrendo, pra separar.

E: Reconhecido pra quem?

O: Reconhecido pra ditoria do setor, pros ditor do setor, que a gente fica mais conhecido. Vamo supor, se a gente ta varrendo daqui, a gente ta lá no Vale do Anhangabaú, eles tão sabendo que ali tem uma equipe trabalhando. Os três varredor ta varrendo ali junto.

E: Então fica reconhecido pra firma, é isso?

O: É, pra firma.

E: E você acha importante ter esse uniforme?

O: Eu acho.

E: Porque?

O: Porque o uniforme é uma garantia do nosso trabalho.

E: Uma garantia, como assim?

O: Uma garantia porque a gente ta trabalhando e ta trabalhando naquela serviço ali e aonde a gente ta trabalhando as pessoas falam “ah, os caras estão trabalhando em tal lugar, é os garis de rua, eles tão limpando e tá ficando beleza a limpeza”. Se a limpeza não ta boa a gente também é reconhecido, reconhecido pelo nome da roupa, né, limpeza urbana, então a gente é conhecido. Só que... é uma garantia e ao mesmo tempo não é, não é bom a gente se muito assim aprovado, assim, demonstra que é varredor, é muita visagem, né, da roupa ali, a gente tá trabalhando...

E: Não é bom porque?

O: Porque a gente é reconhecido em todo lugar.

E: Vocês são reconhecidos...

O: Mas é bom, numa parte é bom que a gente é reconhecido. A gente ta passando ali, ta com a roupa de gari, né, é bem reconhecido no local.

E: Então me explica melhor, é bom ser reconhecido porque...

O: Porque tem o nome da prefeitura.

E: E não é bom ser reconhecido porque...

O: Porque é muita visagem, né.

E: Mas o que faz essa visagem? O que você acha?

O: Vamo supor, eu já falei, daqui lá embaixo, ta sabendo quem é varredor e quem não é.

E: E porque que não é bom saber quem é?

O: Quem não é varredor vai usar essa roupa aqui o cara todo sabe que não é varredor, né.

E: Então, mas porque que não é bom saber quem é varredor?

O: É, nessa parte, né, que eu to falando.

E: Você me falou assim, que é bom usar a roupa porque tem o nome da prefeitura e as pessoas identificam os varredores, e não é bom usar a roupa porque as pessoas olham e sabem que é varredor.

O: É.

E: Mas porque que não é legal saber quem é varredor?

O: É, numa parte, vamo supor, que surge, qualquer problema que surge a gente já ta deformado, né, porque aquele uniforme ali, aquele uniforme ali, a pessoa ta sabendo se a pessoa ta fazendo alguma coisa errada ou se não tá. Teve um cara que tava trabalhando numa firma e ai surgiu depois do horário, surgiu um bico, um bicozinho, um servicinho assim, e pegou, pegou o cara fazendo esse tipo de bico por fora da firma, assim depois do horário da firma. Mesmo depois do horário da firma só porque ele tava com o uniforme ele foi, pegou mal pra ele, ne. Foi mandado embora por causa disso ai. Então, essa parte ai pegou coisa errada do funcionário? Não pegou, pegou porque ele tava com a roupa, que ele tava fazendo um bico depois do horário. Isso ai, se ele tivesse, vamo supor, com essa roupa aqui, não tinha dado nada. Mas ele foi fazer esse tipo de bico com o uniforme.

E: E como o senhor se sente quando está com o uniforme?

O: Que eu me sinto? Eu me sinto feliz.

E: Você se sente feliz?

O: É, feliz que eu to trabalhando, né. Então isso ai a gente se sente bem. Ta trabalhando ali, ta fazendo o serviço ali direitinho. É varreção? É. Mas é assim, se você fez o serviço direitinho, tudo em ordem, não tem encheção de saco. Às vezes o fiscal fala as coisa pra eles, mas é difícil eu ser reclamado. Não, nunca fui reclamado.

E: Você nunca foi reclamado?

O: Não.

E: O que você gosta no seu trabalho?

O: O que eu gosto? Do meu trabalho aqui, eu varro, mas eu gosto mais de trabalhar no carrinho.

E: Porque?

O: Porque a gente anda mais, né. Quem ta no carrinho ele anda mais, vai lá, encheu vai lá leva, vem, quando encheu torna leva novamente. É um serviço também que não tem parada, né. É aquele negócio, sempre andando, é mais é de andar, não é pesado, mas não tem parada.

E: E isso é bom ou...?

O: Eu acho bom, acho bom porque anda muito faz bem pra... faz bem pras pernas, né, a gente tem... o sangue circula mais. Eu acho, sinceramente, eu tava, eu trabalhei com o meu irmão em obra, assim negócio de, antes de entrar nisso ai, em apartamento tudo, ai tinha de ta varrendo corredor tudo, tava em cima do horário da gente parar, cinco hora da tarde nois saia, dia que saia mais cedo era quatro horas. Eu achei melhor deixa de trabalha nesse serviço com ele e vir pra esse.

E: O que o senhor não gosta no seu trabalho?

O: O que eu não gosto? (silencio) Nessa faixa ai tudo eu gosto.

E: Tem alguma coisa que o senhor não goste no seu trabalho, qualquer coisa?

O: Tem não.

E: Qual a importância do seu trabalho pra você?

O: A importância do meu trabalho é de eu ter ele fixo, ter o trabalho fixo, tudo, sempre na luta, a gente tem que estar vindo cedo, mas é a maior importância do meu trabalho é essa.

E: Você vê alguma importância desse trabalho para a sociedade?

O: É bem importante. A sociedade é importante.

E: Porque?

O: É que a gente ta fazendo a limpeza, ne, assim, nas frente das calçadas, limpando direitinho ali, então é importante para sociedade. A sociedade é os morador, né, os habitantes. Então naquela rua que a gente, vamo supor, que a gente não entra nela,

não varre ela, se a gente não deu aquela limpada a gente pra sociedade a gente não é nada, já vai reclamação, a gente não passou naquela rua, não limpou, né. Então, o máximo para satisfazer os clientes que é a sociedade, né, é passar naquela rua, tá limpando ali. Tá fazendo bem pra sociedade.

E: E Sr. O., pensando na população em geral, você acha que as pessoas vêem o trabalho do gari, você acha que elas percebem esse trabalho?

O: Percebem.

E: Percebem?

O: Percebem. Percebem o trabalho que... às vezes, muitas reclamação tem, mas que a gente deixa de limpa, num deixa, né. Sempre tá limpando.

E: Tem reclamação do que?

O: Às vezes surge uma reclamação de tem lugar que tá sujo.

E: Mas quem reclama são as pessoas ou as firmas?

O: Não, quem reclama mesmo que eu já ouvi muita reclamação assim pelas televisão, assim, é sobre as pessoas de dentro da prefeitura mesmo.

E: Então, você falou que acha que as pessoas percebem o trabalho do gari. Como você percebe isso?

O: Como eu percebo? Eu percebo quando eu to trabalhando assim e às vezes eu ganho um elogio “olha como é que você faz o serviço bem feito aqui. Vocês vai ficar aqui?”. Nois foi varre na São João ai o cara falou assim “vocês vai continuar varrendo todo o dia aqui?”, eu falei “rapaz, eu não sei, que eu to na reserva, um dia tô numa equipe, outro dia ta na outra. A gente ta limpando aqui hoje, mas eu to aqui hoje, amanhã eu não sei se eu to, cada dia a gente ta num local no serviço, a gente não tem local fixo, né, então cada dia a gente ta num local, então, eu não sei se amanhã nois tamo aqui”, “ta bom se vocês tivessem aqui todo dia varrendo a calçada, ai, que ficou limpinha”. Então a gente ta sendo elogiado pelas aquelas pessoas.

E: Muitas pessoas falam isso ou a maioria não fala?

O: Muitas pessoas fala.

E: Muitas pessoas elogiam o trabalho?

O: Elogia.

E: De um modo geral, como você acha que as pessoas vêem esse trabalho, você acha que elas pensam que trabalhar como gari é...?

O: Já tem às vez, vamo supor, tem uns que elogia, tem outros que já, às vez, já passa por a gente e já fala mesmo assim “ah se for pra mim trabalha nesse serviço eu não trabalho não, que eu tenho vergonha”. Eu falo pra pessoa, né, vergonha é a gente rouba e não pode carregar, porque se a pessoa roba e não pode levar passa uma vergonha arretada, não passa? Então um trabalho digno é vergonha fazê ele?

E: Mas porque você acha que as pessoas tem vergonha?

O: Porque não é qualquer um que encara.

E: Porque não? Quem encara?

O: Tem pessoa que não encara esse serviço não.

E: Porque não encara?

O: Porque é, eu to falando, pessoa envergonhoso.

E: Mas tem vergonha do que, o que você acha, Sr. O.?

O: Vergonha de varrer. De trabalha assim no público. Tem vergonha do público, né, trabalhando assim estampadamente.

E: Mas vocês acham que eles pensam o quê? Que ser gari é...? Eles tem vergonha porque eles acham que ser gari é...

O: É, porque tem que pegar tudo, né.

E: Tem que pegar tudo?

O: É às vezes, tem um monte de coco, assim, tem que jogar um papel lá ou se não uma terrinha, e pegar e joga lá, isso aí você tem que fazer. Às vezes a pessoa passa e as pessoas que nunca viu aquilo e julgam, “que cara porco pegando aquilo ali”, né. Então, eu sempre to trabalhando assim com a turma, com meus colegas de serviço, né, eu falo, esse serviço nosso eu trabalho, eu gosto, você trabalha abertamente na rua, mas é um serviço que tem muita gente que não dá valor.

E: Muita gente não dá valor?

O: Não dá valor por esse serviço nosso.

E: E como você percebe isso?

O: Percebo porque eu escuto as pessoas que passa fala. Tem pessoa que fala... a gente tá trabalhando, mas tá escutando, né. O cara tá falando “esse serviço aí, não tenho coragem de fazer esse serviço”.

E: Tem alguma situação...

O: Agora não está tanto assim não, porque o serviço está muito difícil, né. Tá muito difícil. Agora, às vezes a gente tá trabalhando assim e chega pessoa assim, importante mesmo “aí, tá pegando lá?”, “colega, a gente num vai lá no escritório sempre, vem aqui, vem sempre pro alojamento direto, não tenho certeza se tá pegando, mas é bom você dar uma idinha lá, né.”

E: Mas tem alguma situação que o senhor lembre pra me contar que retrate bastante isso que você me contou das pessoas não darem valor a esse trabalho? Alguma coisa que aconteceu que o senhor já viu ou com você ou com um colega que mostre isso, o quanto as pessoas não dão valor para esse trabalho?

O: Às vezes a gente vê, é, no caso, que a gente ouve as pessoas fala, mas assim... pelo nosso serviço, assim da firma que nois trabalha dentro, até que eles dão, pela firma eles dão valor pro serviço da gente...

E: Mas e a população?

O: A população que já falou, muitos colegas meus já falou, “ah, se for pra trabalhar nesse serviço aí”... Agora a gente vem almoçar aqui dentro da firma, tudo, né, aqui no alojamento. Primeiro quando a gente almoçava assim na calçada, que a gente esquentava a marmitinha lá, aí a gente falava assim pras pessoas que às vezes falava se tava pegando, falava o que é, né, “se você não ligar de almoçar assim, sentado na calçada assim, esquentar a marmita na rua pra almoçar”, aí eles falava “credo, se for pra mim almoçar no meio da rua eu não almoço não”, com vergonha. Igual já aconteceu da gente almoçar assim sentado, debaixo de uma árvore. Isso aí não tem nada a ver, mas tem gente que tem vergonha disso aí, acha que não é o justo né, de almoçar assim no público.

E: E o que o senhor acha disso?

O: Da vez que eu levei minha marmitinha de casa to almoçando ali, passa as pessoas e repara quem quiser reparar. Eu to comendo sossegado. Aquele negócio, o negócio que eu peguei por costume, acostumei de almoçar naquele local, tanto faz o local adequado assim que não é de passagem de gente como não seja.

E: Pensando no seu trabalho, em que situações o senhor se sente respeitado?

O: Respeito? Ah, pelo meu serviço eu sinto respeito por ele.

E: Em que situações você se sente desrespeitado?

O: Se sinto desrespeitado, assim, vamo supor, quando eu to trabalhando num serviço assim que a pessoa passa e às vez tá aquele monte de lixo já junto e a pessoa vem passando e num costa a volta da gente, num costa a volta fora da gente, ali mesmo onde ele passa, ele vem e chuta o lixo.

E: O lixo que vocês já juntaram?

O: Que já juntaram. Eu acho que eu me sinto desrespeitado é nessa parte. Igual essa semana eu tava varrendo assim e quando eu acabei de varrer o cara veio e o copinho no meio do lixo, saiu chutando pra lá. Falei “ah, que bonito, né?”, ai eu agradeço, “muito obrigado por que você fez”. Ai, no meio daquele lixo, ai pega e sai chutando aquele copinho do meio daquele lixo pra lá. Então desrespeitou o varredor nessa parte. O cara que ta passando na rua, não está respeitando, ele não respeita.

E: Porque você acha que ele faz isso?

O: Eu acho que é porque... é desfazendo, né.

E: Desfazendo?

O: É, desfazendo. É, o cara... eu tava varrendo e o cara começou a chutar uma garrafinha, ai eu falei com o cara “porque que eu to varrendo e você lá vai chutando o lixo?”, “ah, não, então desculpa”, ai ele chutou o lixo pra trás.

E: Você acha que ele não percebeu que você estava lá varrendo?

O: Ah, percebeu. Percebeu que eu tava varrendo, sim. Ai passou uma garrafinha assim e chutou, ai eu “muito obrigado”, ai eu agradei ele, puxei a garrafinha e pus pra cá. Porque não pode xingar as pessoas, né. Mas é melhor quando a pessoa, às vez faz, ta fazendo alguma coisa que você não gosta ai você fala assim “muito obrigada que você fez isso”. Em vez de você não elogia a pessoa, você elogia ela.

E: E tem alguma outra situação, Sr. O., sem essa da pessoa ter chutado que você percebeu que a pessoa estava desfazendo do senhor? Qualquer outra situação que você possa me contar nesses quinze anos de gari.

O: Ai... isso ai passa tanta coisa pra cabeça que a gente nem lembra mais.

E: Nenhuma outra situação que você se sentiu desrespeitado?

O: (silêncio) Os desrespeito mais é só mesmo as pessoas falar sobre, sobre o trabalho da gente. Pra eles esse serviço ai não é um serviço que seja do agrado deles, né. Isso ai é desrespeito, mas fora isso daí...

E: Então, o senhor se sente desrespeitado quando as pessoas desfazem do seu trabalho, que é quando chutam o lixo que o senhor acabou de varrer e...

O: Ai é um ponto que está desfazendo, né?

E: E uma outra situação é quando elas falam do seu trabalho, mas me explica melhor...

O: Eles fala... o que fala é que se for, vamo supor, se for pra fazer esse serviço que nós faz ai não tem coragem de enfrentar, enfrentar o trabalho, assim de levantar cedo, vim até o trabalho e... trabalha assim, trabalha assim na rua, tem muitas pessoas que não tem coragem.

E: Isso é desfazer também?

O: É.

E: Teve alguma situação que o senhor já se sentiu discriminado?

O: Discriminação? Não.

E: Ou alguma situação de preconceito?

O: Ah, preconceito? Tem pessoas que tem preconceito do serviço.

E: Preconceito do quê?

O: Ah, preconceito de estar trabalhan... de de de estar fazendo esses tipo de serviço, sabe, assim...

E: De estar varrendo, pegando lixo?

O: É, é.

E: Quando isso aconteceu?

O: Às vez tem pessoa, vamo supor, no serviço que nois faz, né e continua fazendo, é um serviço que para mim e às vez pra você né tem maior valor, tem maior valor naquele serviço que nós tamo fazendo, mas às vez se você vai falar com as

peças assim, a pessoa pergunta a você “você trabalha de que?”, “ah, eu trabalho, eu sou varredor de rua”, “mas você tem coragem de varrer a rua?”, eu falei “tenho”. Que tem, é, o importante é estar ganhando, né, tá ganhando.

E: Mas você acha que quando alguém pergunta do que o senhor trabalha e você fala que é varredor de rua elas pensam o quê?

O: Ah, pensa, pensa que é... se você for um cara assim igual a você de presença, né, me elogia, né. De presença assim, “você não merece estar varrendo rua”, aí eu “não minha fia, pra gente faz o serviço desse aí, acho que a pessoa que seja bonito que não seja, isso aí não tem nada a ver”, não cai a moral da pessoa, a moral da pessoa é do, a maior moral da pessoa é tomar o nome de trabalhador, eu acho.

E: A maior moral é ser trabalhador?

O: Ah, a maior moral da pessoa!

E: Você acha que as pessoas têm preconceito com essa profissão?

O: Tem pessoa que tem, mas agora não tá tendo muito não, mas tem muitas pessoas que tem.

E: Mas porque? Você acha que elas pensam o que? Que ser gari é o que?

O: Quem é gari, tem umas que fala, eles pensam que não é, que é um serviço que não é um serviço assim de elogio, que não é um serviço elogiado. Mas trabalha de gari pra mim, é pra mim foi bom e tá sendo bom, né. Tá sendo bom pra mim é... é um serviço que a gente sempre tá tendo ele, né. Se você vai pegar um serviço lá fora, acabou aquele serviço tem que ficar esperando outro sai, esse serviço nosso é um serviço que sempre tem, né, sempre tem ele pra fazer.

E: Enquanto você estava varrendo as ruas, já aconteceu das pessoas passarem e jogar lixo no chão?

O: Joga, isso aí joga.

E: E o que você acha disso?

O: Vamo supor, se põe dentro do carrinho, né, eles falam “ah, posso por esse lixo aqui no carrinho?”, “pode”, o carrinho tá ali perto da gente pra jogar mesmo, pra por dentro do carrinho mesmo. Aí vamo supor se tá vendo o carrinho de lixo ali, junto com a gente ali e jogou no chão, já é uma falta de higiene pra eles, a gente tá tendo higiene de tá fazendo o serviço, mas eles não têm higiene, porque eles estão jogando no chão.

E: E como você se sente quando você vê isso? O que você acha disso, de ver alguém jogando papel no chão?

O: Eu acho que tá jogando abusando do varredor.

E: Abusando do varredor?

O: É. Que tem muitos que às vezes a gente acabou de varrer naquele local e não espera nem a gente esconder mais pra frente pra não ver, eles já estão rasgando o papelzinho assim e jogando, né.

E: E o que o senhor acha disso, Sr. O?

O: O que eu acho é que às vezes tá achando que tá, que está fazendo a coisa feia, pra eles está sendo feio, mas pra nós não tá não, porque a gente tá sempre tendo... enquanto eles estão jogando lixo, tá tendo serviço pra nós também né, numa parte. Vamo supor, agora se a gente tá por ali varrendo e eles jogando no chão, já tá desrespeitando, mas vamo supor se a gente já tá longe e eles não tem, não tem uma lixeira perto pra jogar, depois jogou num cantinho ali, aí quando... a gente vai repassar mesmo o setor a gente já tem aquele lixinho ali pra fazê, pra limpar de novo. Então a varreção, nossa, é um negócio, ela não pode parar, ela tem que ser sempre se movimentada, né, então é aquilo que ela vai sempre sendo movimentada, então é aquele negócio, o lixo é o serviço nosso do dia-a-dia, do dia-a-dia mesmo...

Não tem outro preconceito a não ser... não tem preconceito nenhum, aquilo ali é serviço nosso mesmo, da limpeza, o que eles joga não joga. Às vez muitos mesmo fala “é, se não tiver o lixo no chão vocês também não tem serviço”, ai eu falo “ah, você falou uma coisa certa”, se não tiver o lixo nois não tem serviço mesmo, né, se não tivesse as pessoas que sujasse, né, se não tivesse as árvores. A gente fala lixo, mas a folha não é lixo, a folha é esterco da terra. Aqui não é esterco porque cai na calçada, cai na calçada e não tem por onde apodrecer pra ser esterco, mas vamo supor, se eles pega, vamo supor, um caminhão de folha ai, que a prefeitura cortou uns galho, aquele lixo que vai pra longe assim, aquilo ali vai tudo ser esterco, aquele esterco vai servir de adubo pras plantas. É um negócio que vai criando as plantas e a planta e aquele esterco se bom pra entra o feijão, o arroz pra nós...

E: O que o senhor vê enquanto está trabalhando? O que acontece na cidade enquanto você está varrendo as ruas?

O: Acontece... assim sobre...?

E: O que te chama à atenção enquanto você está varrendo a rua? O que você vê acontecendo?

O: Ah, a gente vê acontecimento de muitas coisa né. Vamo supor a gente tá varrendo ai, acontece que às vez a gente vê um acidente. Um negócio que nós também, mesmo que nós tamo varrendo, nós tamo varrendo nós tem que ter muito cuidado, as travessia, vamo supor, a travessia de uma rua pra outra, atravessar do outro lado pra varrer, nós tem que prestar atenção nos farol, na entrada dos carros, a hora que os carro entra, a hora que ele não entra. Tem a mão que ele entra a outra que vem, quando vai aquela mão que vai entrar, a gente tem que prestar atenção...

E: O que mais? O senhor vê acidente, o senhor tem que tomar cuidado com os carros...

O: É, vamo supor, por exemplo, vamo supor que eu tô trabalhando eu e você no caso, você tá no carrinho e eu tô no vassourão varrendo, vamo atravessar, o cara quer avançar de qualquer jeito pra atravessar, você “não, tenha calma”, ai a gente espera a hora que fechar, ai a gente vai atravessar, né, pra varrer do outro lado da avenida, e quando chega lá que vai vim novamente, se já tá fechado o farol uns dez minutos você não atravessa, espera fechar novamente, na hora que fechou o carro veio e parou ali, ai vai dar um tempo, vai dar um tempo de você atravessar sossegado, né.

E: O que mais?

O: De acidente, atropelação, assim, a gente varrendo assim, é mais assim atropelado, né, atropelado assim, mas é, mas não é assim de causa de morte, não, só assim o pessoal se machuca.

E: O que te chama mais atenção?

O: Do serviço? Do trabalho?

E: É. Quando você está varrendo, o que você olha, o que mexe com você?

O: Se é um negócio que não tem assim, vamo supor, a pessoa mexe comigo, é... eu tô trabalhando ali, eu muitas das vez eu faço de conta que não tá nem, não tá sendo nem comigo não.

E: Mas quando mexem com você, falam o quê?

O: Às vez a pessoa já me conhece e fala por nome, né, “oi gari”, ai eu olho, né, ai eu já dou atenção.

E: E quando elas não te conhecessem? O que elas já falaram que você fingiu que nem ouviu?

O: Ah quando não conhecessem num... passa assim e só fala um bom dia, “bom dia”...

E: As pessoas costumam falar bom dia quando passam ou às vezes nem fala nada?

O: Às vez eu mesmo falo bom dia pra pessoa, se a pessoa não responde aquele bom dia fica pra mim, né, ai fica pra mim. O importante é que cumprimentei aquela pessoa, né, você passa na frente de um bar assim, “oi bom dia”, dá com a mão.

E: E as pessoas que passam na rua? Você está varrendo e tem um monte de gente andando pra lá, pra cá... já teve gente que...

O: É muita das vez a gente, às vezes, se a gente tá varrendo ali, você que tá varrendo tem que ter mais cuidado com as pessoas que tá passando, porque é a pessoa que tá passando, né.

E: Porque?

O: Se a pessoa vai passar naquele local e ele vem e não tá vendo... se você puxa o vassourão pra pessoa passar, é isso ai.

E: Pensando em todos os empregos que você já trabalhou, o que tem de diferente em ser gari?

O: O que interessa é que quando é negócio de apartamento, assim que tá fazendo os compartimentos, tem que, às vezes, dependendo do lugar que não tem guincho pra levar, você tem que carregar a massa nas costas, a lata, subir com a lata nas costas, de massa, tudo. O serviço de servente, de construção sempre toda vida foi mais pesado.

E: E você está satisfeito com o seu emprego?

O: Tô.

E: Porque?

O: Tô satisfeito, porque daqui, eu trabalho mais oito anos e eu já já liquidado o meu INPS já, mais oito anos que eu trabalhar já tô com meus trinta anos de INPS.

E: Pra finalizar, Sr. O., qual é a diferença do Sr. O. vestido de gari e vestido assim, com roupa comum?

O: Eu vestido assim? A diferença? A diferença é grande, né?

E: Qual é a diferença?

O: Porque aqui eu, se eu tive, vamo supor, se eu sai do meu serviço, vou pra casa, ai se eu não falar em qual serviço que eu trabalho ninguém sabe.

E: E é bom as pessoas saberem ou não é?

O: Onde a gente mora lá é bom, é bom não saber.

E: Porque?

O: Ah, porque é... é bom não saber porque tem pessoa que não, não é?... que não quer, né... Tem pessoa lá que “ah, tá pegando lá na sua firma?”, “tá”, às vez pergunta só por chantagem, ah vai, ta pegando, eu dou o endereço, dou tudo e as pessoas não vem. Não, não vem... Porque não vem? Não vem porque não, não... tá querendo que surge um serviço melhor, né, um serviço melhor que esse, que vamo supor, se o cara tem um estudo bom, vai querer trabalhar numa loja, quer um trabalho de porteiro, vai querer trabalhar assim, num serviço assim...

E: Você acha esses serviços melhor que o de garu? Você acha que as pessoas pensam isso?

O: Esse, eu pra mim, esse aqui é o melhor.

E: Mas você acha que as outras pessoas acham que os outros serviços são melhores?

O: É, eles acham que os outro é melhor.

E: Que tipo de pessoa procura essa profissão de gari?

O: Pessoal que procura a profissão de gari, é essas pessoas que não, que às vez eles num, as pessoas que não é de escolher serviço, né, dai eles procura o serviço de gari. E, eu sinceramente é um serviço mais é, um serviço que sempre tem, né, é um serviço que nunca acaba.

E: O que você acha que as pessoas buscam nessa profissão? O que elas querem nessa profissão?

O: O que elas querem? O que elas querem é assim, vamo supor... o que elas querem nessa profissão é sempre ter serviço, sempre estar trabalhando, sempre estar movimentando. É o que eles querem. É a profissão, é a melhor, igual aqui mesmo, tem às vez muitas pessoas que já saiu, saiu e tornou a voltar. Porque às vez, vamo supor, tem muito serviço por ai que não é um serviço assim, igual a esse aqui. Que tem muitos local ai que o pessoal trabalha e não tem, não tem uma cesta básica, né, só ganha aquele salário mesmo. Só o salário mesmo, é um salário que não da pra pessoa comer, não dá pra pessoa comer, se vestir. E aqui é um salário assim, pouco, mas é um pouco que tá dando pra gente sobreviver. Vamo supor, 350 do salário com mais, com mais 300 da cesta básica, ai vai os 70 que eles coloca uma metade da condução, né, ai a gente pega os 300 da cesta, né, a gente vai no mercado faz a compra, e o pagamento é pra pagar uma conta de água, vamo supor, se faz um crediário numa loja. É isso ai.

E: Tem mais alguma coisa que você queira me contar do seu trabalho como gari, algo que você ache importante?

O: É importante, sim. É um serviço que a gente tá no dia-a-dia.

E: Sr. O queria te agradecer muito por me conceder esta entrevista.